

Ana Lúcia Medeiros

Sotaques na TV

2ª ed.



CCTA *Open Access*

Sotaques na **TV**



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES

REITORA
MARGARETH DE FÁTIMA FORMIGA DINIZ
VICE-REITOR
BERNARDINA MARIA JUVENAL FREIRE DE OLIVEIRA



DIRETOR DO CCTA
JOSÉ DAVID CAMPOS FERNANDES
VICE-DIRETOR
ULISSES CARVALHO SILVA



CONSELHO EDITORIAL
CARLOS JOSÉ CARTAXO
GABRIEL BECHARA FILHO
HILDEBERTO BARBOSA DE ARAÚJO
JOSÉ DAVID CAMPOS FERNANDES
MARCÍLIO FAGNER ONOFRE
EDITOR
JOSÉ DAVID CAMPOS FERNANDES
SECRETÁRIO DO CONSELHO EDITORIAL
PAULO VIEIRA

LABORATÓRIO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO
COORDENADOR
PEDRO NUNES FILHO

Ana Lúcia Medeiros

Sotaques na **TV**

João Pessoa
Editora do CCTA
2019

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA BIBLIOTECA SETORIAL DO CCTA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

M488s Medeiros, Ana Lúcia.
Sotaques na TV [recurso eletrônico]/Ana Lúcia Medeiros. 2. Ed. –
João Pessoa: Editora do CCTA, 2019.

Recurso Digital (1,24MB)
Formato e-PDF
Requisito do Sistema Adobe Acrobat Reader
ISBN 978-85-9559-168-4

UFPB/
BS/
CCTA 1. Televisão - Brasil 2. Sotaques - Mídia 3. Telenovelas - Regionalismo.
4. Telejornais - Sotaques. I. Título.

CDU 654.172 (81)

Direitos desta edição reservados à: GELINS/UFES

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme decreto n° 1.825, de 20 de dezembro de 1907.

“O amor só tem sentido porque nem tudo é amor; as coisas só têm sentido pela diferença que as separa e distingue doutras coisas”

(LUIZ COSTA LIMA, CITANDO MAIAKOVSKI)

Prefácio

EUGÊNIO BUCCI

O sotaque carioca tem atrás de si um estigma: a prosódia do malandro, uma forma de ginga verbal. Pode ser também uma bênção, depende sempre do ponto de vista (ou do ouvido). Com algumas aparas, contenções e adestramento, que o transformam num carioquês apaulistanado, digamos assim, é o sotaque dominante da TV. Já o sotaque do interior paulista, que carrega um quê de Jeca Tatu, podendo sugerir tanto uma certa pureza inculta, passível de ser lapidada, como um estado de ignorância irrecuperável (sempre dependendo do ponto de ouvido, por certo), só entra na TV quando algum ministro da região de Ribeirão Preto dá entrevista, ou quando um personagem caricato de telenovela abusa nas tintas, ou quando um tipo mais pitoresco de matuto faz sucesso em programa humorístico. Aquele “erre” empapado, demorado, preguiçosamente interrompido entre a língua e o céu da boca, aquele “erre” não tem vez no idioma oficial e nacional da TV, que vai aos poucos tratando de consolidar uma fala culta para o Brasil que se integra pelo vídeo. Nessa fala

industrializada, os sotaques do Nordeste, por exemplo, que são muitos, muito diferentes entre si, e que as novelas resumem todos a um só, uma espécie de nordestinês de estúdio, que qualquer criança que vê a Xuxa sabe imitar, comparece apenas como um enfeite exótico. Assim, como a toada da fala mineira, os trepidantes **“erres” gaúchos assim como tudo o mais.**

Os caminhos e descaminhos da construção dessa fala nacional, que lançam mão de fonoaudiólogas, treinamento, descaracterizações, preconceitos e busca de clareza, tudo de uma vez só, que trucidam e reabilitam sotaques, que erguem um sotaque novo (que se pretende a ausência de sotaques) sobre os túmulos dos demais, são apresentados aqui pela professora e jornalista Ana Lúcia Medeiros. Um contato inicial com o tema, sem maiores aprofundamentos, este livro põe o leitor em contato com depoimentos de vários profissionais de televisão, que dão testemunho de seu trabalho de moldar a própria fala ou a fala dos outros e sobre os prós e contras desse tipo de trabalho. Para quem se intriga com o jeito de falar dessa gente toda que a gente vê na TV, eis aqui um ponto de partida interessante. O tema é vasto, desconhecido e desafiador. Que tal começar a encará-lo?

Apresentação

MARCELO CANELLAS

Leia este livro em voz alta. Ouça sua voz. Seus “esses” e “erres” são você. Podem vir dobrados e fricativos como a arrebenção do mar. Ou soar espichados e mansos feito ondulação de montanha. Duros e sibilantes? Tônicos e musicais? Suaves e mormacentos? Não importa, seu sotaque lhe denunciará. É a identidade sonora que nosso rincão, nosso bairro, nossa aldeia, grudou em cada um de nós. Não há português mais polifônico do que o português do Brasil. Nossa língua é nossa pátria diversa e criativa, oxigenada pelo acento regional desse cadinho cultural. Mas será que o som do país sai na TV? Ou melhor, como os artifícios do telejornalismo e da teledramaturgia lidam com suas próprias heranças sonoras incrustadas na fala? Para responder a essa questão, Ana Lúcia Medeiros ouviu sulistas e nortistas, metropolitanos e interioranos, praianos e montanhese, enfim, toda a loquacidade melódica da nossa língua representada por dezenas de profissionais da televisão brasileira. Ao discutir conceitos como clareza e credibilidade, a autora investiga o papel d sotaque:

obstáculo, empecilho; ou afirmação identitária reconhecida e prezada pelo telespectador? Telejornais ou programas de entretenimento veiculados em rede podem conter sotaques regionais? O regionalismo falado nas telenovelas consegue escapar da estereotipia? E no jornalismo, a padronização facilita o entendimento? Este é um livro para quem fala na TV. E para quem ouve. Você vai descobrir se o jeito que você fala, se a música da sua rua conseguiu passar na telinha. Ou se não conseguiu. É fácil: acompanhe os depoimentos e as análises deste livro. Mas não esqueça: **leia em voz alta, com todos os “esses” e “erres”**. Bom proveito.

Sumário

Apresentação	7
Como tudo começou	13
O sentido da obra	15
Capítulo 1	
O encontro com os entrevistados	17
Vera Holtz	19
Mário Lago	21
Chico Pinheiro	23
Glorinha Beuttenmüller	24
Enio Lucciola	28
Ana Paula Padrão	30
Boris Casoy	32
Selma Lins	35
Paulo Henrique Amorim	37
Rubens Caribé	38
Cláudia Provedel	39
Geraldo Canali	40
Sérgio Gabriel	41
Joaquim de Carvalho	43
Paulo André Leitão	44
Aldine Müller	45
Vera Ferraz	46
Lúcia Magalhães	47
Mara Neubarth	48
Hélter Duarte	50
Luiz Carlos do Nascimento	51
Rosângela Marques	52
Fábio Cardoso	53

Malu Matta.....	54
Valdir Bezerra.....	55
Fátima Dantas.....	55
Carlos Chagas.....	57
Stella Maris.....	60
Fábia Belém.....	61
Álvaro Pereira.....	62
Um comentário sobre os meus entrevistados.....	63
Capítulo 2	
Autopercepção da prosódia e identidade.....	67
Capítulo 3	
Por que o padrão.....	71
Capítulo 4	
Compreensibilidade.....	75
Capítulo 5	
O trabalho sobre a voz e a prosódia.....	83
Capítulo 6	
Credibilidade.....	95
Capítulo 7	
Representação de falas locais na telenovela.....	101
Capítulo 8	
Diversidade na padronização.....	107
Capítulo 9	
Pistas sobre o método.....	115
Referências Bibliográficas.....	127

COMO TUDO COMEÇOU

No começo de tudo, a percepção de que os diversos sotaques do Brasil não estão na televisão. Há uma tendência generalizada dos repórteres de emissoras distantes do eixo Rio-São Paulo modificarem a forma de falar cotidiana, no momento em que pegam o microfone e se posicionam diante de uma câmera de TV.

Da minha experiência, da minha condição de estar no mundo, surge a vontade de estudar antropologicamente as falas, os sotaques regionais em relação à mídia. Busco as possíveis relações entre o que é mediático (simulacral) e a realidade vivida, as culturas locais e regionais.

Sendo a televisão um veículo de grande alcance, e não difunde as variações de sotaque, de certa forma contribui para que o Brasil não conheça o Brasil. As falas, as culturas locais são pouco divulgadas.

Verifico que, em determinadas circunstâncias, os sotaques regionais aparecem. Passo, então, a observar o que é o padrão; como funciona, como se constrói esse padrão de fala. Uma fala que não é de nenhum lugar do país, especificamente.

Concentro as minhas atenções em um aspecto: o sotaque no telejornal. Decido abordar, como complemento, o sotaque na telenovela. A comparação

de dois espaços na TV, onde a fala é um elemento importante, dá subsídios para uma interpretação mais abrangente. A idéia básica é que nas novelas regionais e de época há uma tentativa de aproximação com as falas locais, enquanto no telejornal acontece um distanciamento.

A comparação da programação jornalística com a telenovela facilita a observação do telejornal com maior especificidade. Permite uma visualização maior de uma fala representada para criar um “padrão” que distancia para um “padrão” que aproxima.

O SENTIDO DA OBRA

Entrevistar profissionais de tevê. Essa foi a decisão que tomei para melhor responder à questão central da pesquisa que dá origem a este livro.

Cada entrevistado tem história, vivência própria. O conjunto espelha o modelo da tevê brasileira.

Chamo esses profissionais de “produtores culturais”. Podem atuar diante das câmeras ou por trás delas. São editores, repórteres, apresentadores de telejornais, atores de telenovelas e fonoaudiólogas. Trabalham em emissoras como Globo, SBT, Record e Cultura.

As entrevistas foram feitas pessoalmente. Por telefone, elas inibiriam expressões não verbais. Há detalhes só perceptíveis em reações contextuais.

ENTREVISTADOS

Aldine Muller, Álvaro Pereira, Ana Paula Padrão,
Boris Casoy, Carlos Chagas, Chico Pinheiro,
Cláudia Provedel, Enio Lucciola, Fábria Belém,
Fábio Cardoso, Fátima Dantas, Geraldo Canali,
Glorinha Beuttenmüller, Hélder Duarte,
Joaquim de Carvalho, Lúcia Magalhães,
Luiz Carlos Nascimento, Malu Matta, Mara Neubarth,
Mário Lago, Paulo André Leitão, Paulo Henrique Amorim,
Rosângela Marques, Rubens Caribé, Selma Lins, Sérgio Gabriel,
Stella Maris, Valdir Bezerra, Vera Ferraz, Vera Holtz

1

O ENCONTRO COM OS ENTREVISTADOS

Encontro os entrevistados em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Recife e João Pessoa. As conversas acontecem sempre de forma descontraída. Os ambientes criados para as entrevistas são os mais diversos. Alguns me recebem nas redações das emissoras. Outros, em parques arborizados, bares, jardins, salas e cozinhas de suas casas.

Das entrevistas, retiro impressões gerais, absorvo informações ditas verbalmente ou expressas nas entrelinhas: nos gestos, nos ambientes, nos sorrisos...

VERA HOLTZ

“Vera finge ser sotaque o sotaque que deveras tem”. Na paráfrase a Fernando Pessoa, Cláudio Carillo elogia a capacidade de Vera Holtz levar ao palco e à tv sua origem, compondo personagens que têm características da atriz. Ficção e realidade se mesclam na carreira de Vera Holtz.

A simplicidade é a marca da atriz. Recebe-me com um abraço e diz: “entra, fia. Quer um café?” Grita de lá: “Ângela, traz um café aqui pra nós”.

Pergunto a Vera Holtz se em alguma momento da carreira de atriz de TV enfrentou problema por causa do sotaque acentuado. Vera responde: “não. Foi uma troca. É o lúdico. Eu tinha um sotaque carregado e os meus parceiros perceberam isso. E eu humanizo ao máximo o que recebo”.

Vera Holtz acredita que o ator deve profissionalizar a voz, no início da carreira, mas que não pode perder a origem da fala. Deve levar para a televisão a sua marca.

Para a atriz, paulista de Tatuí (cidade com 150 mil habitantes a 200 quilômetros de São Paulo), falar do sotaque é falar da pessoa, sua origem. E defende a posição de que quanto mais o ator falar com o sotaque de origem, tanto mais ele transmitirá a verdade local. “Ter vindo do interior é muito importante para mim. Isso me dá uma essência. E as pessoas costumam mudar. A família me cobra.

Se muda, família e amigos criticam. Quem é realmente artista não esquece as raízes”, diz.

A trajetória de Vera Holtz

Vera Holtz estudou piano, desenho e artes plásticas e especializou-se em geometria descritiva. A vida de atriz começou

no teatro, em 1979. Na TV, o primeiro diretor a permitir que fizesse papel com sotaque foi Wolf Maia: a atriz pôde falar com espontaneidade em “Barriga de Aluguel” (Globo1989).

MÁRIO LAGO

Uma terna lembrança. Entro na casa de Mário Lago, no Rio de Janeiro, carregando o bilhete da fã Vera Holtz. Um recado carinhoso da atriz com quem o ator desenvolveu uma relação de muito respeito e admiração. Antes da conversa, sentamos no sofá e, degustando balinhas de café, assistimos ao show dos tenores Plácido Domingos, José Carreras e Luciano Pavarotti.

Mário Lago começou a carreira como ator no rádio. Passou a atuar em televisão nos anos 60. Na TV percebeu uma fala não espontânea, representada. Certa vez sugeriu à Rede Globo que contratasse atores locais para fazer novelas regionais, por considerar problemático atores do eixo RioSão Paulo fazerem sotaques de outras regiões em novelas regionais ou de época.

Reproduzo, abaixo, parte da entrevista com Mário Lago:

Ana Lúcia – Em cerca de trinta anos de experiência, o senhor acha que a TV abriu mais, aproximou mais das regiões, ou continua havendo a construção de um padrão próprio de fala, que distancia do regional?

Mário Lago – A televisão tem uma fala neutra. O país tem mil prosódias. Há muitas peculiaridades nos sotaques das regiões e, muitas vezes, para sobreviver, o profissional tem de mudar a forma de falar regional.

O Zé Dumont diz que aqui no Rio de Janeiro não pode fazer papel de galã, mas de bandido, porque é nordestino. Apesar de a televisão ter um poder de massificação muito grande, a fusão de fala que a televisão cria não modifica a maneira de falar nas regiões. Os parentes de Zé Dumont continuam falando do mesmo jeito, lá no Nordeste. E ele mesmo não se entregou. Ele continua com o seu sotaque. E é um belíssimo ator.

Ana Lúcia – Qual o peso que a fala ocupa, entre os critérios que o profissional de TV precisa ter?

Mário Lago – O homem nasceu para falar. Mesmo você tendo a imagem, quando ela é reforçada pela fala, ganha uma outra força. O que eu acho ruim em TV é o falar errado. Erros cometidos é que são imperdoáveis. E nisso a televisão não ajuda. Há muitos erros de português.

Ana Lúcia – O senhor já enfrentou problemas com o sotaque?

Mário Lago – Sempre falei como falo agora.

Ana Lúcia – Eu, com o meu sotaque nordestino, não posso deixar que isso faça parte da informação. Por que será que isso acontece, na sua opinião?

Mário Lago – Foge ao padrão.

Ana Lúcia – Isso incomoda?

Mário Lago – Incomoda um pouco.

Ana Lúcia – Incomoda a quem?

Mário Lago – Ao espectador. Na TV, o espectador quer sempre um locutor tipo Sergio Chapelin.

Ana Lúcia - O senhor acha importante que o telejornal tenha uma fala mais profissional?

Mário Lago – O que o profissional diz não pode deixar dúvida. Falando na rua, ninguém deve abrir mão do sotaque. É uma questão de cidadania. Não se deve abrir mão da maneira de falar. Na TV é diferente.

Ana Lúcia – E o sotaque regional na telenovela?

Mário Lago – No caso da telenovela, o custo é muito alto. Eu dei uma sugestão à Rede Globo que nas novelas regionais fossem aproveitadas as equipes dos lugares. Não toparam. Seria uma tentativa de aproximação.

CHICO PINHEIRO

Muito acessível. Não precisei marcar a entrevista com antecedência. Me atendeu em São Paulo, logo depois de apresentar o SP TV daquela tarde. Fomos ao camarim, ele contando histórias mineiras e usando expressões com sotaque.

Diz que quando trabalhou na Globo, ainda nos anos 70, percebia uma preocupação em moderar um pouco os sotaques mais carregados. Afirma que hoje, no entanto, há a multiplicidade de falas do brasileiro: aparecem o gaúcho, o baiano, o pernambucano. Mas admite que existe uma tendência de os **profissionais buscarem uma “coisa” mais** neutra, menos forte, embora o sotaque continue. Percebe essa tendência em aliviar o sotaque especialmente nos repórteres de rede, mas crê que isso acontece em parte porque eles viajam muito e convivem com diversas falas.

A história de Chico

Francisco Pinheiro é de Santa Maria – RS, mas construiu a vida em Minas Gerais. Tem simplicidade e humor típicos mineiros. Começou a carreira no jornalismo impresso (Diário de Minas e sucursal do Jornal do Brasil). Foi professor na Universidade Federal de Minas Gerais, atuou na Band, que o levou para São Paulo, em 1992, e teve uma rápida passagem pela Record. Trabalha na Rede Globo.

GLORINHA BEUTTENMÜLLER

Atores e jornalistas da televisão brasileira reconhecem o valor do trabalho técnico desenvolvido pela fonoaudióloga.

Convidada por Alice-Maria e Armando Nogueira para trabalhar na Globo, Glorinha Beuttenmüller representa um marco na história da construção de um jeito de fazer televisão no Brasil. Seja no jornalismo ou na teledramaturgia.

Na casa de Glorinha, na Tijuca (Rio de Janeiro), comento que não identifico a fala da televisão brasileira como sendo de nenhuma região específica do país. Ela manifesta satisfação por me ver identificando uma fala trabalhada na televisão, já que sente-se responsável por essa fala que é própria da TV:

Ana Lúcia – A televisão não tem uma fala do carioca, nem uma fala do paulistano...

Glorinha Beuttenmüller – Eu fico satisfeita que você veja isso, porque eu procurei fazer este falar da televisão, amenizando todas as pronúncias regionais. Eu senti que tinha que ser assim. A minha sensibilidade não permitia que houvesse motivo de chacota. E eu sou contra a agressividade.

E fala um pouco sobre o processo de “suavização” do falar no telejornal:

Eu não sei se fui combatida, mas durante os 18 anos que estive na Globo, eu nunca desaprovei o regionalismo. Mas suavizei o jornalismo. Suavizar para não ficar berrante, nem motivo de chacota: o sulista fazendo pouco caso do nordestino; e o nordestino fazendo pouco caso do sulista. Só que muitos nordestinos têm vontade de imitar o falar carioca. Isso não está correto, porque o falar carioca tem de ser também suavizado. Os ss

não devem ser chiantes e sim sibilantes. E os rr são dorsovelares. Isso tudo tem que ter um aprendizado.

Nós não falamos com palavras isoladas. Mas as pessoas querem destacar palavras. Não se destaca palavra. Se sente a frase como um todo. Porque se eu destacar uma palavra, eu estou insinuando uma resposta ao telespectador. Não é tão fácil. Muitos pensam em estar na televisão porque têm uma cara bonita. Acontece. Mas não é bem isso. Como também uma boa voz não é suficiente para a pessoa estar na televisão. Não existe boa voz. Existe bela voz. Porque timbre de voz nós nascemos com ele; e, da infância para a puberdade, nós desenvolvemos esse timbre. Seja no homem ou na mulher, essa voz vai ficando mais fortificada. E quando eu digo voz bela, estou me referindo àquela que fala uma verdade. E aquela que fala uma verdade é que não desmente as palavras. E aquela que não desmente as palavras é aquela que é toda aceita na sua forma.

Pergunto mais um pouco sobre esse assunto:

Ana Lúcia – Com esse suavizar, pode-se dizer que a TV tem uma fala própria, dela?

Glorinha Beuttenmüller – Tem. Esse suavizar foi muito importante e continua sendo. Mas, para isso, a pessoa precisa ter ouvido fonético. E como palavra, emoção e linguagem vêm de uma coisa só, você pode estar muito bem com sua pronúncia correta e ser prejudicada numa época de emoção. Então, temos que falar com o corpo inteiro.

E acrescenta:

A peculiaridade de cada lugar eu nunca anulei. Agora, suavizei. Eu insisto muito em suavizar as pronúncias porque esse país tão grande tem que ter uma certa uniformidade e um certo abraço amigo, uma comunhão amiga entre todos eles.

Conta o caso do trabalho desenvolvido com o repórter nordestino Francisco José:

Como eu trabalhava com todos os repórteres e apresentadores da TV Globo, fiz um trabalho com o Francisco José. E ele foi um que não queria mudar o regionalismo. Aí, ele foi à Argentina. Falava de uma cidade chamada Rosário. E ele tinha que falar o nome da cidade como ela era pronunciada lá. Mas ele pronunciava R(u)sário. **E dizia: “eu quero dizer R(u)sário”.** E foi uma discussão, uma coisa sadia, muito boa. Aos poucos, ele foi se acostumando com o falar menos regional, porque ele é cearense, não é pernambucano. Ele é radicado em Pernambuco. E há uma diferença de pronúncia regional do Ceará para Pernambuco; como da Bahia para Pernambuco e Ceará; como de Sergipe para os outros Estados.

Glorinha Beuttenmüller mostra o porquê da realização desse trabalho na linha que adotou. Ela conta um pouco de sua trajetória profissional para revelar que desenvolveu uma técnica que tem um fundamento, que considera ter funcionado e que faz parte da história de grande parte do trabalho de fala desenvolvido com muitos profissionais do rádio e da televisão:

Ana Lúcia – O seu trabalho de fonoaudióloga é pioneiro no Brasil?

Glorinha Beuttenmüller – É delicado dizer que sou pioneira. Percebo que abri um campo de trabalho para fonoaudiólogos. Comecei com deficientes visuais e no Teatro de Arena, quando os atores começavam a perder a voz. Acabei ficando na Escola de Teatro. Fiquei também no Benjamin Constant, já em 1964. Eu queria que houvesse direção vocal interpretativa. Apoio vocal. Fui abrindo campo para a fonoaudiologia, que estava surgindo.

Na Rádio Jornal do Brasil comecei a orientar um curso de voz e fala, e na Rádio Tupi para narradores

esportivos, que ficam com a voz mais cansada pela rapidez e a agressividade de narrar um jogo de futebol, predominante à época. Tornou-se meu aluno na Rádio Jornal do Brasil o Sergio Chapelin, depois meu aluno na Rádio MEC. Eu orientava pessoas que precisavam usar a voz. Chapelin, meu assistente na Escola de Teatro **durante um ano, me disse: “Glorinha, vou fazer um teste para o “Jornal Hoje” da Rede Globo. Foi o maior sucesso.** Em vez de contrato de três meses, ele assinou por dois anos. Nesse ínterim, perdi-o de vista, mas ele teve inteira afonia. O médico lhe recomendou dez dias de descanso.

Nesse período, morre Heron Domingues. Chapelin vai apresentar o jornal à noite. Chapelin fez o jornal, que foi uma maravilha. Nesse dia entrei para a Rede Globo, convidada por Alice-Maria e Armando Nogueira, que viram a necessidade de uma orientação para não acontecer uma coisa assim. Comecei a ir a São Paulo, Brasília, Pernambuco, Paraná e meu nome entrou no noticiário da televisão.

ENIO LUCCIOLA

Defende a presença de repórteres locais em rede. Diz ser importante a cor das pessoas, o sotaque: “o colorido regional dá mais força ao telejornalismo”.

Rememora Enio: “em determinado momento, na tevê, impunha-se um padrão e as outras emissoras copiavam.

Como um profissional que exerce um cargo de Chefia, Enio Lucciola tem, de certa forma, algum poder de controle sobre o quê, como e por quem é transmitida uma informação:

No final dos anos 80, a chefe de Redação da TV Cultura, ao me receber como repórter, colocava o meu sotaque como um empecilho. Hoje, como chefe de Reportagem, eu penso exatamente o contrário. Procuro sempre mesclar, ter repórteres de várias regiões. A qualidade da cobertura fica sempre melhor quando as pessoas entendem do assunto. Então, o repórter que vem de determinada região, que entende melhor determinada cultura, e carrega, de uma maneira ou de outra, determinada raiz, interpreta melhor o que conhece bem.

A trajetória de Enio

O chefe de redação Enio Lucciola começou a carreira na televisão. Carioca, estudava jornalismo na UFRJ. Mudou-se para o Recife. Concluiu o curso na Universidade Católica de Pernambuco. Conviveu facilmente com o “novo” sotaque porque uniu os laços afetivos à forma de falar do recifense. Não pretendia trabalhar em TV, mas foi convidado pela editora - e professora - Vera Ferraz. Trabalhou um ano na Manchete e dois anos e meio na Globo (em jornais regionais, no Jornal Hoje e no Jornal da Globo). Depois de oito anos no Recife, foi para São Paulo (1989). Recorda ter enfrentado problemas com sotaque. O fato de ser do Rio de Janeiro e ter morado em Pernambuco dificultou a inserção no mercado de trabalho em São Paulo. Para superar as

dificuldades, ocultou Pernambuco do currículo. Na capital paulista, registra passagem por emissoras como Globo, SBT e Cultura.

ANA PAULA PADRÃO

No fim dos anos 80, a fonoaudióloga Glorinha Beuttenmüller encantou-se com a coragem da repórter – que subira num caminhão para melhor observar o tráfego – e garantiu: “essa garota vai longe”. Observou não só a fala, mas as características que fazem de Ana Paula Padrão boa profissional.

De família mineira, a brasiliense Ana Paula Padrão policia-se para não deixar transparecer o cantar próprio de Minas. Tem uma forma de falar característica do modelo da tevê brasileira, provável aspecto positivo para a ascensão profissional.

Defensora do trabalho fonoaudiológico desenvolvido na televisão, Ana Paula Padrão acha que, em TV, a voz tem de ser agradável. Identifica algumas características de voz problemática, que dificulta a compreensão: voz estridente, nasalada, infantil ou a de quem fala com boca muito fechada.

Para Ana Paula Padrão, os repórteres regionais têm um sotaque acentuado, mas entende que o país é assim mesmo. Quem muda de região absorve a fala do lugar para onde foi.

Acredita que a presença de sotaque regional já limitou mais do que hoje:

Eu me lembro que, quando eu entrei na televisão (final dos anos 80), isso tinha mais importância. Você via comentários de que um determinado repórter tinha um sotaque muito forte para televisão. Hoje, você não vê mais isso. Eu acho que, de uma maneira geral, o perfil que se tem do repórter mudou, a televisão mudou e a tecnologia avançou também.

E tenta entender/explicar o porquê da criação de uma fala-padrão na TV:

O telejornalismo das emissoras, não só da Globo, desenvolveu uma fala limpa, sem a presença de sotaques. Eu não sei, mas a impressão que eu tenho é que, se alguém pensou nisso, foi para

aproximar todos os telespectadores da notícia, para ter uma coisa que qualquer pessoa compreenda.

É necessário algum tempo de preparação para o repórter ficar bom, conta Ana Paula Padrão:

Demora para o repórter ficar bom. Agora, é claro que se o repórter estiver em Brasília, existe uma possibilidade de ele entrar em rede mais rapidamente do que o repórter que está no Nordeste. Não porque o repórter de Brasília não tenha sotaque e o do Nordeste tenha, mas porque Brasília tem um volume tal de matérias que chega uma hora que não tem repórter; tem que pegar um novo e arriscar. No Nordeste, não. Porque tem uma ou duas matérias por dia: demora mais tempo para emplacar uma matéria.

O percurso de Ana Paula Padrão

Quando estudava jornalismo na Universidade de Brasília, Ana Paula estagiou em rádio e revista, mas logo foi para a televisão. Trabalhou na produção da Rádio Nacional. Primeiro, um programa voltado para adolescentes, depois, um programa feminino. Por fim, um programa dirigido ao pequeno produtor rural, que aclarou suas afinidades com a economia. Começou a **fazer reportagem e um free lance para a “Senhor”**. O diretor da revista dizia: **“você deve fazer televisão, tem boa dicção, boa voz, visual, texto enxuto”**. Foi à TV Brasília fazer teste. Ali ficou por três meses. Logo a Globo a contratou.

BORIS CASOY

A conversa com Boris Casoy é um exemplo da importância de a entrevista ser feita pessoalmente. Quando telefonei, marcando a entrevista, ele perguntou se não poderíamos conversar por telefone. Expliquei que, como se tratava de uma pesquisa científica, eu gostaria de entrevistá-lo pessoalmente. O resultado foi surpreendente. Muitas coisas são ditas nas entrelinhas, conforme trecho da entrevista que reproduzo, aqui.

Boris Casoy – A Globo adota o sotaque paulistano. São exemplos: o Cid Moreira, o Chapelin, os grandes locutores.

Ana Lúcia – Eu não concordo com isso. Para mim, o Cid Moreira não tem o sotaque paulistano.

Boris Casoy – Ah! Não. Na verdade, ele não é de São Paulo, ele é de Taubaté. Puxa um pouquinho mais.

[Neste momento, passa alguém em frente à porta do escritório de Boris Casoy. Então Boris pergunta: “o sotaque de Cid Moreira, de onde é?” O moço responde: “olha, eu não vejo sotaque no Cid Moreira. Sei que o Cid Moreira é do interior de São Paulo”. Boris afirma: “Sim, mas é paulista ou paulistano”. O moço diz: “Ele faz um padrão...”. Boris interfere: “Paulista, ora. O Cid Moreira é paulista”. O moço discorda: “Sei que ele é paulista, mas...”. Boris diz: “Nossa, ele fala igualzinho à gente. Com a mesma musicalidade. Observe ele e o Paulo Henrique Amorim, que chia. Paulo Henrique tem um sotaque de Copacabana. Todo o trabalho dela, Dácio, é sobre essa questão do sotaque. A Ana Lúcia está fazendo um trabalho acadêmico sobre a questão do sotaque na televisão”. O moço (que agora sei, se chama Dácio Nitrini, e é diretor executivo do Jornal da Record) diz: “Bom, para mim, eu nem tinha pensado. Por eliminação, eles são paulistas, mesmo”. Boris pergunta a Dácio: “Vem cá, em todos esses anos que a gente trabalha junto [Dácio também atuou no TJ Brasil], você já recebeu alguma recomendação

por ter ido ao ar um sotaque de alguma região?” Dácio responde: “Não”. E se despede.

Boris Casoy não é jornalista formado. Tem, no entanto, um longo percurso como profissional de comunicação. Começou no rádio, mudou para a grande imprensa. Desde o final dos anos 80, vem fazendo história na TV:

“Comecei aos 15 anos com o plantão esportivo da extinta Rádio Piratininga. Entrei na Faculdade de Direito, que eu não terminei. Fiquei com a matrícula trancada no último semestre, a Mackenzie. Quando cursava Direito, fui secretário de Imprensa de alguns políticos. Passei quase um ano como assessor da Diretoria da Alcântara Machado. Aí, fui para a Folha de S. Paulo. Fui editor de Política e editor-chefe. Eu era inexperiente em jornal (de 74 a 76). Saí da Folha, fui para a Fundação Armando Álvares Penteado. Voltei para a Folha de S. Paulo para fazer o Painei (uma seção de bastidores de política). Em 1977, a Folha enfrentou uma grave crise política. O diretor de Redação, Cláudio Abramo, foi tirado, eu assumi; acabei ficando de 1977 a 1984. Meu sucessor foi Otávio Frias Filho. Eu voltei a fazer o Painei. Em 1988, recebi um convite para ir para o SBT, onde fiquei por nove anos. Depois vim para a Record”.

Hoje na Record, comandando o mais importante telejornal da emissora, Boris Casoy defende que os repórteres regionais falem como em seus Estados de origem.

Para Boris, o visual do repórter tem o mesmo peso da fala:

Eu, Boris, pessoalmente, tenho a seguinte opinião: se formou uma escola, no Brasil, onde o visual e a fala são importantes esteticamente. Especialmente o visual. Eu sou contra, mas a força é tão grande que você quase não tem repórteres idosos. Mas, na minha opinião, desde que eles sejam bons, não há problema. Mas isso é uma infração em relação ao padrão imposto pela Globo e que é considerado, nas outras emissoras, como um padrão aceito pela média dos brasileiros. Não convém desafiar. Eu não teria problema

nenhum. Mas as pessoas querem gente bonita e que fale bem. São padrões que estão equilibrados.

SELMA LINS

Diz que o jornalismo da TV Record, onde atua como editora-executiva, não é rígido com relação aos sotaques regionais. Há a presença de repórteres locais.

Entende o trabalho de Alice-Maria como a estética do bom senso no jornalismo. Conta que o trabalho de Alice-Maria, junto com Armando Nogueira, faz com que o repórter tenha uma aparência discreta, para que nada chame mais a atenção do que a **notícia. Lembra que a “estética do bom senso” de Alice-Maria e Armando Nogueira se somou ao trabalho de Glorinha Beuttenmüller, quando os dois convidaram a fonoaudióloga para dar segurança ao repórter, prepará-lo para falar em rede.**

Com relação às telenovelas regionais, Selma Lins diz que a tentativa de aproximar do regional não condiz com a realidade do lugar. Não representa a comunidade que busca representar.

Quanto à própria maneira de se expressar, Selma Lins diz que a presença ou não do sotaque depende da situação e da pessoa com quem fala. E tem uma explicação para essa mudança:

Falando com você, eu não tenho o sotaque do interior de São Paulo. Porque, apesar de o meu sotaque ser do interior de São Paulo, eu quando estou falando, estou pensando, elaborando, estou perdendo o sotaque. Mas isso não acontece só com os profissionais de televisão; isso acontece com o ser humano de uma forma geral. O professor tem essa preocupação. A partir do momento que você elabora, você muda. Na hora em que você brinca, relaxa, é uma coisa. No momento em que tem de elaborar, você muda.

A editora acha que deve haver uma norma a ser seguida pelos profissionais:

Para você se comunicar com o país inteiro, você tem uma norma que eu chamo de norma culta da televisão. Trata-se de um vocabulário-base. São termos simples. Palavras suscetíveis de serem

entendidas em todo o país. Não é o sotaque. São as palavras. Por exemplo, Carta de Motorista é uma expressão usada em São Paulo, não no resto do país. A expressão correta é Carteira de Habilitação.

Outro dia, fizemos uma cabeça de matéria que dizia “pipa” em tal lugar, “papagaio” em outro. Porque aí o país inteiro entende. É uma pena que as expressões dominantes acabem sendo as São Paulo e do Rio. Você perde expressões do resto do país porque aqui é matriz.

PAULO HENRIQUE AMORIM

Estudou sociologia e política. Não se formou em jornalismo, mas sempre atuou como jornalista. Ser repórter é o que mais o estimula, é o que gosta de fazer.

Observa que os profissionais de fala-padrão da TV não falam como o cidadão comum: têm fala artificial, teatralizada. Não aprova essa característica. Acha que o profissional deve falar com naturalidade.

Percebe que os sotaques regionais enriquecem o telejornalismo, mas faz uma ressalva: na construção das reportagens, na montagem do roteiro, é inevitável que a rede uniformize.

Paulo Henrique observa que a fala corrente da televisão é produto de profissionais cariocas e paulistanos de projeção nacional.

Reconhece ter sotaque carioca. E se orgulha dessa marca na fala.

Ana Lúcia – O sotaque limita?

Paulo Henrique – Não. De jeito nenhum. Mesmo eu, com esse sotaque carioca, que falo noit(ch)e, paulis(x)ta. Eu seria o último a dizer.

RUBENS CARIBÉ

Morou no Rio Grande do Sul, o ator paulista. Surpreende-se falando como gaúcho ao encontrar um rio-grandense-do-sul. Enxerga sotaque como álibi que autor e direção de novelas utilizam para revelar o quem: quem diz isso, quem é essa pessoa: **“você usa o sotaque como ponto de partida para buscar humanizar, criar um quem a ser revelado ao telespectador. Não é só a fala, a luz, a roupa, o penteado: mil coisas ao mesmo tempo informam. O telespectador já está acostumado a decodificar várias coisas ao mesmo tempo. O sotaque permite uma multiplicidade. A novela não tem um compromisso de ser jornalístico, real”**.

Caribé começou a carreira como ator de teatro. Na televisão, fez novelas na Globo, no SBT e na Band. Nunca enfrentou problema com sotaque. Serras Azuis (da Band) foi a primeira novela em que representou personagem com prosódia diferente da sua habitual.

Compreende que o jornalismo, apesar do mix de todas as prosódias nacionais, tem fala artificial, assim como sotaques em novelas.

CLÁUDIA PROVEDEL

Uma atriz capixaba com histórico de atuação em novelas na Globo, no SBT, na Band. Opina que a tevê não tem fala produzida, mas fala trabalhada como um processo interno, da pessoa: **“é um trabalho de uma linguagem que valoriza as características do indivíduo e que tem de absorver os aspectos emocional e racional de uma região”**.

Admira o trabalho fonouadiológico desenvolvido por Glorinha Beuttenmüller:

“A Glorinha é meio mãe de todos nós que estamos na TV. Ela ajudou, não só no sotaque, que é um trabalho de finalização mais completo, como também no trabalho de descoberta da voz do ator, da voz das pessoas e que, tanto era bom que se espalhou como escola. Um trabalho técnico”.

Sobre a relação entre telejornal e telenovela, Cláudia Provedel pensa que **“no jornalismo a fala deve representar a realidade. A ludicidade fica por conta da telenovela, onde há emoção, paixão, diversão; onde acontece o respiro das pessoas. É onde elas podem sonhar. É uma coisa fantasiosa para comparar com a própria realidade ou sair dela. O ser humano é camaleônico”**.

A atriz lembra que a forma de falar do ser humano, depende **das circunstâncias: “ao falar com o pai ou a mãe, a pessoa volta às origens. É diferente de quando dialoga com um colega de trabalho”**.

GERALDO CANALI

Acredita que o sotaque não pode se descaracterizar, não pode soar falso. O profissional não pode representar um sotaque que não corresponda à sua “verdade”: “o telespectador percebe quando o comunicador está mentindo”.

Muitas vezes se policiou para chegar a esse standard que se vê no vídeo, mas diz que hoje faz isso com muita naturalidade.

Canali tem a preocupação em não desagradar o outro. Acha importante a interação e não a rejeição entre pessoas de fala diferente:

Se eu estou falando com os conterrâneos, até para não ficar diferente, não ser pedante, procuro falar como os conterrâneos. Inclusive, em São Paulo, eu uso muito você e não tu. Se a pessoa vai ficando íntima e se é com os conterrâneos, a minha referência é tu. E isso eu faço sem querer. No Sul, às vezes coincide de ter pessoas com as quais eu tenho falado, que não são conterrâneas, mas que fazem parte de grupos que se formam entre conterrâneos e não conterrâneos, e aí eu me refiro aos conterrâneos de uma maneira e aos não conterrâneos de outra.

Estudei em Navarra, em 1972. Eu fui da primeira turma de brasileiros em Navarra. E lá, o que mais havia eram colegas de outros países da América Latina. Tinha cubanos, argentinos, mexicanos, dominicanos, porto-riquenhos, paraguaios e colombianos. E, lá pelas tantas, eu estava na Espanha falando um espanhol que as pessoas me perguntavam: mas de onde você é? Porque eu procurava falar sempre como o interlocutor, no sotaque dele. Talvez eu tenha esse tipo de sensibilidade. E eu acho que isso me ajuda bastante no ofício que tenho, porque elimina alguns traços de rejeição que às vezes ocorrem.

Quando pergunto se o sotaque gaúcho de Canali poderia provocar ruído, ele responde:

Acho que sim.

SÉRGIO GABRIEL

Este repórter nunca enfrentou problemas com sotaque. Acredita que por ser paulistano. Nunca atentou para isso. O dado revela que quem está no eixo central das emissoras não observa muito a questão do sotaque.

Recorda que, em um determinado momento, teve o acompanhamento da fonoaudióloga Glorinha Beuttenmüller, que desenvolveu um trabalho na Band:

A orientação que recebi foi relacionada à ênfase na entonação das palavras, na maneira de falar as palavras. Ou seja, cada palavra tinha um significado. E você tinha que dar aquele significado para a palavra, mas não que você tivesse que falar com um sotaque x ou y. Ou que o sotaque estivesse certo ou errado. O trabalho era voltado para aspectos como respiração, colocação da voz, você dar o ponto na frase. A Glorinha nos mostrou que falar para a televisão é diferente de falar para o rádio, já que em tevê a palavra vem associada à imagem.

Mas reconhece que as diferenças no jeito de falar do gaúcho e do nordestino, por exemplo, não aparecem na televisão:

Sérgio Gabriel – **Jamais alguém me disse: “olhe, você não pode falar assim. Você está falando com um sotaque paulistano”.** Eu percebo um jeito de falar padronizado enquanto estou assistindo televisão. E não só no jornal. Percebo isso também na novela. A novela tem aquele idioma uniforme, ou então tem aquele sotaque absurdamente abusado, tipificado. E malfeito.

Ana Lúcia – Você já assistiu televisão no Sul ou no Nordeste?

Sérgio Gabriel – Eu ia chegar nisso. Quando você assiste televisão em outra região e vê o jornal local dessa

região, aí você percebe muito mais o sotaque. A impressão que dá, é que as pessoas ficam mais liberadas para falar com mais sotaque. Por exemplo: se você está no Rio Grande do Sul e assiste a um jornal na RBS, na TV local, você percebe um sotaque muito mais forte. No Nordeste, a mesma coisa. Se vai para o Rio de Janeiro e assiste a um jornal, na própria TV Globo, você percebe um sotaque mais forte.

E acrescenta:

A TV não precisa ser uniforme. As pessoas não precisam falar de uma mesma maneira. O sotaque identifica a pessoa. É como se ela desse o endereço de um determinado lugar. Acho que alguns termos regionais é que não podem ser usados em rede. É preciso adotar um vocabulário-padrão.

JOAQUIM DE CARVALHO

Acha importante o esforço por uma fala neutra. Por isso buscou formas de neutralizar o sotaque do interior de São Paulo.

Embora considere a neutralidade importante, acha que a fala não pode soar artificial (quando a pessoa tenta falar diferente).

Afirma que o profissional tem de transmitir segurança. Tem de parecer inteligente. Diz também que, quando tem sotaque, o repórter é local. Para ser nacional, o trabalho do repórter deve compor registros sonoros que não identifiquem o lugar de origem do profissional.

Para não prejudicar a informação, acha necessário que os jornalistas recorram ao fonoaudiólogo, o especialista que aproveita o melhor do aparelho vocal e aperfeiçoa a capacidade do repórter.

PAULO ANDRÉ LEITÃO

O pernambucano não vê em nenhuma rede de TV a imagem pasteurizada de repórter, padrão visual de repórter.

Não acha que o sotaque seja um fator limitador, mas lembra que o repórter de rede deve ter uma marca menos acentuada na fala.

Diz que o entrevistado, ao falar com sotaque, transmite a informação local:

O repórter está preparado para tentar “aparar os exageros”, mas as pessoas entrevistadas não estão. Então, por mais bem comportado que seja o linguajar dos jornalistas, as pessoas que nós entrevistamos não estão preocupadas com isso. Apesar dos cuidados, o sotaque dos entrevistados se mantém dentro das reportagens que a gente edita. Aí não tem como cortar. Se uma pessoa que a gente entrevista na rua tem um sotaque carregadíssimo, como geralmente acontece com as pessoas mais pobres que, regra geral, têm o sotaque mais carregado, especialmente no interior do Estado, e elas estão dizendo coisas importantes para a matéria, não tem como cortar; aí vai com sotaque, por mais carregado que ele seja. Então é uma situação que, muitas vezes, se desequilibra em favor do sotaque, porque o que fica de mais forte, de mais eloqüente, às vezes, dentro de uma reportagem, é a fala dos entrevistados.

ALDINE MÜLLER

É gaúcha. Ao mudar-se para o eixo Rio-São Paulo, para tentar a carreira de atriz, ouviu dos colegas: “se você quiser crescer como atriz, esqueça o seu sotaque gaúcho”. Trabalhou em várias novelas da Rede Globo (O Salvador da Pátria; Sassaricando; Rainha da Sucata e Quem é Você). Atuou, também, no programa de Chico Anysio.

Em Serras Azuis, na Band (a primeira novela em que fez sotaque regional), viveu uma personagem de uma cidadezinha mineira. Recebeu, da fonoaudióloga da novela, a sugestão de que lesse Guimarães Rosa, para melhor compreender o personagem. Escolheu “Sagarana”.

Conta que, enquanto gravava cenas para a novela Serras Azuis, no interior de Minas Gerais, um repórter fez uma reportagem sobre o problema da fome no lugar. Aldine ficou impressionada: o modo de falar do repórter mineiro nada tem a ver com a fala das pessoas do lugar.

A trajetória profissional de Aldine Müller revela que, em cerca de duas décadas atuando no eixo Rio-São Paulo, a tendência era mesmo deixar um pouco de lado o sotaque gaúcho. Até porque o meio em que vive e os cursos que faz favorecem a essa manutenção de uma fala trabalhada para o teatro ou para a televisão.

VERA FERRAZ

A editora pernambucana acha que sotaque já foi problema em TV, mas que acabou. Hoje os repórteres se impõem em sua maneira regional de pronunciar as palavras. Acha importante o trabalho fonaudiológico desenvolvido nas regiões. No entanto, não considera interessante que repórteres com sotaque muito acentuado façam matérias de rede.

LÚCIA MAGALHÃES

A fonoaudióloga da Rede Globo Brasília é paulista. Faz terapia de voz no repórter para que ele fale mais suave. Acha que o repórter que se recusa a perder a marca regional tem vida curta na TV. Afirma que o repórter precisa pronunciar bem as palavras, ter uma articulação nítida, ter inflexão e impostação de voz adequadas para a televisão.

MARA NEUBARTH

Chego à casa de Mara Neubarth às 8h10. Meia hora antes do horário marcado. Um moço cordial e simpático me recebe e me convida a entrar pela porta da casa e não do consultório, por onde costuma receber os pacientes. Entro. Uma garota, envolvida com o café, me recebe com um largo sorriso. Desço uma escada e sento em um sofá do consultório de Mara. Na estante, em vez de livros de fonoaudiologia, romances e livros espiritualistas. Não espero muito. Mara desce, usando um vestido estampado, leve e descontraído. Uma bela mulher. Me recebe com um abraço caloroso e pergunta qual o perfume que estou usando; diz que o cheiro remete à sua infância. Me convida para um café. Agradeço e permaneço na sala de espera. Ela vai até a cozinha. Na conversa de Mara com os empregados, uma atmosfera de muita integração, respeito e descontração. Vários telefonemas. Mara desce até o consultório, falando com alguém ao telefone. Bom, minha filha [está falando com Leilane Neubarth que acabara de apresentar o jornal daquela manhã], agora tenho que desligar para conversar com Ana Lúcia. Sentamos para falar sobre a experiência dessa mulher de mais de sessenta anos de idade (embora aparente cinquenta), vinte dos quais, vividos em Brasília, onde vem desenvolvendo um belo trabalho de fonoaudiologia. É a sensibilidade o termômetro dos diálogos, da terapia, do contato com o outro. Um ser humano. Assim é visto o profissional de comunicação que chega até o consultório de Mara para adequar a fala à mídia, como também é encarado o paciente que apresenta algum tipo de problema na fala. Ao buscar uma fonoaudióloga, as pessoas acabam encontrando em Mara um pouco de médica, de psicóloga, de amiga, um pouco de quase tudo. Ela toca o outro, física e espiritualmente. Abraça, faz alguma observação, faz o outro sentir-se gente. Sabe o nome da pessoa com a qual está lidando. E trata a pessoa pelo nome. Sorri, gesticula, tem brilho

nos gestos, no olhar, no falar. E vê as pessoas muito além daquilo que elas dizem que são ou que fazem. (MEDEIROS, Ana Lúcia. **“Planalto das Falas”** in MEDINA, Cremilda (org.). *Narrativas a céu aberto*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.)

A fonoaudióloga carioca acredita que é a fala quem desperta interesse ou não no telespectador. Diz sempre ao jornalista que a inflexão tem que **tocar forte no telespectador**. E sugere: **“quanto mais natural a fala, melhor”**. Para isso, acha importante que o repórter adote, no cotidiano, uma maneira de falar que possa ser usada na TV:

○ jornalista precisa começar a falar corretamente no seu dia-a-dia. Tem de falar correto na comunicação cotidiana. Não há como ser uma pessoa fora, e outra diante da câmera. Isso com relação à fala. Porque com relação à roupa, você pode andar mal vestido o dia inteiro, mas na hora de ir para televisão é só botar o terno. Agora, falar mal o dia inteiro e achar que vai fazer uma forma natural na frente da câmara, não vai acontecer.

HÉLTER DUARTE

A experiência do repórter goiano revela como se tem acesso a emissoras de TV, os critérios básicos, as dificuldades. Ainda em Goiânia, estudante de comunicação, estagiou em uma rádio. No mesmo prédio funcionava a Band. Começou a circular pelos corredores do prédio, insistiu, fez teste e foi aprovado. Foi repórter e apresentador. A afiliada da Globo o convidou e ele exerceu as mesmas funções, de apresentador e repórter. Começou a entrar no Jornal Hoje. Mas percebeu que, morando em Goiânia, provavelmente não atingiria a meta de ser repórter de rede na Globo. Imaginou uma praça de concorrência menor, e enviou uma fita para Vera Ferraz, na Rede Globo Nordeste. Em uma semana, Vera lhe telefonou. Hélder não havia concluído o curso de comunicação, mas os dois ficaram três anos em contato, até ele ser contratado para trabalhar no Recife.

Não enfrentou problemas por ter saído do Centro-Oeste e atuar como repórter em outras regiões, como Nordeste e Sudeste. Ao sair de Goiânia para o Recife, percebeu com mais clareza as diferenças de pronúncia de cada lugar.

Para Hélder Duarte, o modo de falar de um repórter é mais importante do que qualquer outro aspecto:

Em televisão, roupa, cabelo, tudo é importante. Mas, é claro, o jeito de falar é muito mais importante do que o cabelo ou a roupa. Você pode até estar de camiseta e passar bem a sua informação. Você pode estar de terno e gravata; se passar mal a informação, já era. A fala é o ponto mais importante.

LUIZ CARLOS DO NASCIMENTO

O editor paraibano começou a carreira no jornalismo impresso em 1979. Teve uma rápida passagem pelo rádio. Desde 1988, atua em telejornal.

Diz que a televisão é o espelho da realidade. Por isso defende que o sotaque de cada lugar deve aparecer na televisão como ele é. Mas reconhece que, como a TV exige uma certa técnica, devem ser feitas correções. O cantar no final das palavras pode ser amenizado; a palavra deve ser pronunciada por inteiro: as letras não devem ser engolidas. Acha que o profissional deve falar corretamente, e não mudar a maneira de falar.

Acredita que se o sotaque fosse modificado, seria ainda pior. Não gosta quando um repórter paraibano tenta fazer um sotaque de outra região. Soa artificial.

Observa que, de acordo com os critérios de notícia, a Paraíba será sempre menos interessante do que lugares mais conhecidos nacionalmente. Por isso não entra muito no Jornal Nacional.

ROSÂNGELA MARQUES

A repórter e apresentadora começou a carreira no rádio. Nasceu no Rio de Janeiro, mas foi morar logo cedo na Paraíba. Fora da televisão, fala como qualquer paraibano. Quando apresenta telejornal ou faz reportagem, muda completamente o sotaque. Diz que essa mudança na fala, quando pega o microfone, é uma coisa natural. Afirma que a fonoaudióloga da Rede Globo Nordeste, no Recife, onde sempre faz reciclagem, não gosta que os repórteres falem o d e o t característicos do Nordeste (sem chio).

Diz que as pessoas que preparam os repórteres não gostam que eles apresentem um sotaque, qualquer que seja a região. Acredita que o objetivo seja manter um padrão para que haja compreensão do que é dito pelos repórteres das regiões e também para não destoar, com a presença de tantos sotaques distintos, pois isso seria complicado.

Revela que o paraibano não gosta de ouvir o próprio sotaque sendo falado pelo repórter local. Já ouviu diversas críticas a repórteres que mantêm o sotaque regional.

FÁBIO CARDOSO

Paulista, mora na Paraíba desde adolescente. Acha que a presença de sotaques regionais em rede é fundamental. Tem passagem por várias emissoras de tevê. Teve também experiências em outros veículos de comunicação. Um dado curioso na trajetória de Fábio Cardoso: quando começou a atuar em rádio, em João Pessoa, foi advertido. O editor do programa não queria que ele falasse como paulista. Deveria ter a entonação do paraibano.

MALU MATTA

Tem vasta experiência como editora de TV no Recife. Admite que o repórter de rede tem um diferencial em relação aos demais repórteres locais, mas que ele não deve adotar um novo estilo de fala que imite outra região.

Defende que a fala do repórter deve ser clara, mas que ele não deve perder o sotaque.

Diz que muitas vezes solicita que a pergunta do repórter seja excluída na edição, porque a pergunta está gaguejada, o que dificulta a compreensão.

VALDIR BEZERRA

Editor no Recife, Valdir Bezerra crê que o grande segredo da narração do repórter é a clareza. Compara-o ao professor, que tem de ser claro.

Para Valdir Bezerra, o trabalho de voz do repórter tem forte relação com o aspecto psicológico e a identidade do profissional. Acha interessante quando o repórter entra em rede com o sotaque local.

FÁTIMA DANTAS

Esta fonoaudióloga paraibana atesta que a tevê constrói um padrão próprio de fala. Pensa ser bom que haja o padrão, porque havendo muitos sotaques o jornal fica “quebrado”: “enquanto na Globo os repórteres falam de um modo mais uniforme, em jornais de outras emissoras um repórter grita e outro repórter faz uma reportagem bem-feita”, observa.

O trabalho de Fátima Dantas, que se especializou em voz profissional, em São Paulo objetiva aperfeiçoar a fala do repórter, a intensidade do falar, suavizar, amenizar o sotaque. “Um âncora, por exemplo, não pode ter sotaque: seria incômodo. Deve ter estilo próprio: ser forte, ter credibilidade para comentar”, diz.

CARLOS CHAGAS

Antes de começarmos a nossa conversa no escritório de Chagas, em Brasília, uma mosca zumbe, insistente. Pronto. Com expressão de menino travesso, Carlos Chagas vibra por conseguir pegar o inseto que não queria deixá-lo escrever o texto que iria ao ar no jornal daquela noite. (MEDEIROS,

Ana Lúcia. “Planalto das Falas” in MEDINA, Cremilda (org.). Narrativas a céu aberto. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.)

O mineiro é formado em Direito, mas desde cedo atuou como jornalista. Começou a carreira na mídia impressa, no Rio de Janeiro, em 1958. Se inclui entre os profissionais que fazem parte **de um novo momento da televisão brasileira: “eu entrei na televisão depois de 30 anos de profissão em jornal. Trabalhei, antes, nas décadas de 60 e 70, mas eram bicos na TV Rio, onde eu fazia comentários políticos no jornal”.**

Acha que o padrão televisual pode estar relacionado com o tempo que o profissional tem para levar o texto ao ar na televisão. Acredita, também, que, durante uma certa época, os jornalistas foram moldados a um padrão, especialmente na Rede Globo. Mas percebeu uma certa abertura, no final dos anos 80, quando começaram a ser contratadas para a televisão pessoas que vinham do jornalismo impresso.

Vê um certo charme quando repórteres regionais aparecem em rede com sotaque local.

Acredita que o tempo limitado da TV e a necessidade de um texto enxuto são alguns dos fatores que, certamente, contribuem para a construção do padrão televisual.

Para Chagas, a participação de jornalistas oriundos da imprensa escrita é um marco na história da TV:

A partir da parafernália eletrônica, a televisão, que entrou primeiro como uma brincadeira, foi-se afirmando como um veículo que realmente dava a notícia, a informação. Só que dava na véspera, colorida e andando. Aí os jornais passaram por uma grande crise, no mundo inteiro: o que é que o jornal vai dar? Vai repetir o que você já viu na véspera, com imagens em movimento? Os jornais tiveram então que encontrar um derivativo, um main point. Os jornais passaram a dar mais interpretação, análise, prospecção, o back ground da notícia. Aí é fascinante essa luta permanente.

No final dos anos 80, a televisão nos Estados Unidos, na Europa e no Brasil viu que os jornais também deram a volta por cima, passando a dar algo mais. Em seguida, diz: nós estamos muito quadradinhos, muito estereotipados, muito arrumadinhos, dando a notícia, claro, mas só isso. Os jornais estão ganhando de nós na interpretação, na análise, no comentário. E a partir do final dos anos 80, você via aqui, no Brasil, que as televisões foram buscar os velhos como eu [Carlos Chagas], Boris Casoy e Milton Carlos. Foram buscar uma série de jornalistas que pudessem passar a credibilidade da notícia, passar a interpretar a notícia. As televisões passaram a dizer: nós precisamos botar o algo mais nisso. Embora com um linguajar unificado, uma fala só. E aí é que acontece a volta dos velhos à televisão.

Carlos Chagas compreende o processo de uniformização da fala. E acha que a fala-padrão é da região Sudeste:

É um problema puramente econômico, porque se o grande pólo de desenvolvimento do país fosse o Nordeste, e o Sudeste não fosse a maravilha, se as grandes redes estivessem lá no Nordeste, esse sotaque

nordestino é que seria o padrão nacional. Sem dúvida, esse é um problema econômico.

Ao mesmo tempo em que considera a falapadrão da TV brasileira como sendo da região Sudeste, Chagas aponta diferenças entre as pronúncias de palavras no Rio de Janeiro e em São Paulo:

Mas, se o sujeito está começando, precisando se enquadrar no modelo, ele troca para a pronúncia exigida. No Rio de Janeiro, vão exigir que ele fale fut(i)bol e em São Paulo vão querer que ele fale fut(ê)bol.

STELLA MARIS

Em uma tarde de domingo, no Parque da Jaqueira, no Recife, conversei com a editora Stella Maris. Pergunto a Stella o que ela acha do padrão de fala que é produzido pela televisão. Stella Maris não concorda que haja um padrão construído.

Eu não acho que exista um padrão de fala produzido pela TV. A televisão exige um padrão estético e também um padrão vocal. É muito difícil você encontrar, hoje, um profissional de televisão que não tenha passado por uma fonoaudióloga para aprender a colocar a voz.

Stella Maris acredita que a padronização da fala pode até ter ocorrido, mas isso faz parte do passado. Segundo a editora, a **televisão percebeu que não era esse o caminho. “Você não pode eliminar as características de um país vasto e múltiplo como é o Brasil”, disse.**

Para Stella Maris, a forma ideal de falar para a TV vai sendo **adquirida com a prática. É essa “maneira agradável de falar” tem uma contribuição para a “venda” da informação:**

Às vezes, um repórter de televisão, quando iniciante, tem a voz mais nasalada, a voz mais infantilizada, a dicção atropelada e, com o decorrer, esses pequenos defeitos vão desaparecendo. E têm de desaparecer. Porque a voz, enquanto instrumento de trabalho, precisa ser o mais competente possível.

FÁBIA BELÉM

Fábia Belém é pernambucana e começou a carreira de repórter no Recife. Mudou-se para Brasília, processo não tão comum há alguns anos, sobretudo por sua entonação nordestina.

Apesar de considerar ruim padronizar a voz na televisão, descarrega um pouco ao gravar. Acredita que o repórter acaba se moldando a um padrão, mesmo sem perceber.

Quando recebeu **convite para ser repórter de rede**, ouviu: “**seu perfil é o que a gente precisa**”.

Ser Fábia Belém repórter com menos de dez anos em TV quando a entrevistei (há pouco tempo), ter sotaque, haver sido promovida a repórter de rede e transferida para Brasília demonstra flexibilidade. Pode representar um momento importante na história da televisão brasileira, pois repórteres locais em rede é realidade, até mesmo em emissoras mais rígidas

Fábia Belém sempre procurou falar como fala hoje na TV. Desde a infância, lia o texto em voz alta para os colegas de escola que se dispunham a ouvi-la. Diz que não se esforçou para falar na TV, apenas usa a forma de expressão que sempre buscou. Com relação ao t e ao d chiados, Fábia afirma que isso soa naturalmente. O que a incomoda um pouco é quando alguém em **Brasília pergunta: “você é do Nordeste?”**, enfatizando o cantar no fim da palavra, próprio do Nordeste.

ÁLVARO PEREIRA

Mineiro. Mudou-se para Brasília na adolescência. Iniciou a carreira no jornalismo impresso. Depois, foi para a televisão ser repórter político.

Recorda que a cada 15 dias Glorinha Beutenmüller atendia os repórteres da Globo em Brasília. Diz que, na época, se um repórter saísse de uma outra região para trabalhar em televisão em Brasília, fazendo reportagem de economia e política, o sotaque poderia representar uma barreira.

Acha que sotaque é um ruído na comunicação porque o telespectador passa a prestar mais atenção no sotaque do que naquilo que está sendo dito. Por outro lado, acredita que repórter das regiões falando com sotaque pode ser positivo como um dado a mais para a informação. Pode até transmitir maior credibilidade. Pode ser um complemento.

UM COMENTÁRIO SOBRE OS MEUS ENTREVISTADOS

As opiniões dos entrevistados revelam que a TV é formada por pessoas de características diversas, embora se perceba que há uma lógica de funcionamento que condensa as idéias e modos de agir de quem faz a televisão brasileira. Pode-se concluir desta amostragem que, apesar de a TV ter um padrão de funcionamento, há uma diversidade de personagens que fazem novelas e jornais e que isso favorece, cada vez mais, a uma abertura à participação da diversidade de falas na programação televisiva.

2

Ana Lúcia – Qual a importância, para a sua vida profissional, da utilização ou não do seu sotaque próprio?

Boris Casoy – Eu acho que não tenho sotaque.

Ana Lúcia – Não?

Boris Casoy – Não. Eu falo com meu sotaque paulistano. Eu falo como a maioria das pessoas da capital. Suponho que eu falo como a maioria das pessoas da capital.

AUTOPERCEPÇÃO DA PROSÓDIA E IDENTIDADE

Como as pessoas que fazem um trabalho na TV se sentem, como se vêem, como percebem a própria fala? Diante da diversidade de origens dos profissionais, há sempre histórias de sucesso e histórias de muita luta para conseguir um espaço. Há quem questione se alguém já enfrentou problemas profissionais por causa do sotaque. Quem é das capitais da região Sudeste, especialmente, não costuma se voltar para essa questão como uma barreira a ser enfrentada.

Os profissionais que têm uma fala mais cosmopolita, independente de que cidade sejam, geralmente costumam falar com naturalidade. Mantêm, na televisão, o modo original de falar.

Já quem tem sotaque muito acentuado, precisa trabalhar a fala para não enfrentar problemas de receptividade por parte do telespectador.

O repórter não se deu conta, ainda, que, ao narrar uma história, o sotaque pode ser um recurso a mais, como os grandes romancistas fazem na escrita, mantendo expressões regionais. O ator, por sua vez, pode entrar na história vivendo o personagem com as suas características pessoais, inclusive mantendo o sotaque.

No caso do profissional de telejornalismo, a questão identidade coloca em confronto direto duas referências: a identidade regional e a identidade profissional. Ao mesmo tempo em que se vê como uma pessoa do lugar, o repórter local adota sempre uma entonação que é própria da TV.

O problema maior de identidade regional relacionada à fala da TV é mais refletido nos repórteres que atuam fora do eixo Rio-

São Paulo. Os depoimentos mais representativos da existência de dificuldades são de profissionais do Nordeste e do Sul do país. Já os mineiros dizem que não enfrentam dificuldades, mas têm sempre alguma história relacionada à fala de Minas Gerais para contar.

Ter sotaque paulistano ou ter sotaque carioca não significa que o profissional não tenha sotaque, como a própria colocação da expressão na frase já revela: o sotaque é paulistano ou carioca. No entanto, se a fala é do Rio de Janeiro ou de São Paulo, o profissional enfrenta menos problemas de acesso profissional às emissoras de TV do que se o sotaque é de outras regiões do país.

3

“O Globo Rural é diferente da programação da Globo. O programa tem um ritmo biológico específico. Nós falamos para o indivíduo e não para a multidão”

(Humberto Pereira – Rede Globo)

POR QUE O PADRÃO

A televisão brasileira tem um padrão estético. Entre os componentes do padrão está a fala. O profissional de TV (seja ator de novela, apresentador ou repórter de telejornal) tem de se enquadrar em determinados critérios, para garantir a qualidade do trabalho que executa. Há algumas exceções. Muitas vezes, o profissional não possui determinadas características de um padrão, mas tem um outro aspecto que supera aquele que lhe falta.

Nos anos 70 e 80, o telejornal tinha um padrão mais rígido. Seguia-se à risca um manual de telejornalismo, com um capítulo para cada item do padrão. Os repórteres não podiam usar determinadas cores de roupa como o branco (para não refletir em contraste com a luz) ou o estampado (para não chamar mais a atenção do que a notícia); a fala tinha de ser suavizada; no texto preciso, frases curtas e um vocabulário com termos simples, embora seguissem o que alguns profissionais de TV chamam de **“norma culta da televisão”**; o cabelo não podia ser chamativo, as bijuterias não poderiam chamar atenção. Mas há dados que revelam: o padrão pode mudar no tempo. Hoje, são mantidas algumas exigências. Nada pode chamar mais a atenção do telespectador do que a notícia. Mas já há tolerância nas cores das roupas; no texto, muitos termos regionais já podem ser utilizados, desde que sejam seguidos da devida explicação.

73

Dentro do padrão televisivo, a fala do profissional tem de ser agradável. Mas percebe-se que há uma evolução nas exigências. Hoje, sotaques de regiões distantes do eixo Rio/SãoPaulo são muito mais presentes, mesmo nos telejornais de horário nobre. Para chegar a esse momento, no entanto, houve um longo processo. Alguns profissionais relatam que, para atingir o patamar que alcançaram, sofreram algum tipo de rejeição por

causa do sotaque. Mas como são profissionais que hoje selecionam pessoal para atuar nas TVs, a presença de um determinado tipo de fala deixou de ser uma exigência em algumas emissoras. O critério básico é que o repórter seja considerado competente, para que a qualidade da matéria seja garantida. E isso leva tempo.

Ter domínio do assunto é um outro aspecto que faz parte das exigências. Esse critério favorece mudanças no padrão. Muitas vezes, para falar do Nordeste, é colocado um nordestino, pela vivência que ele tem com o lugar, pelo conhecimento do assunto. Em um passado recente, era comum as emissoras solicitarem um repórter do Rio de Janeiro ou de São Paulo para fazer cobertura de um assunto em alguns estados do Nordeste. Hoje, quem está no Nordeste, e é repórter de rede, faz a matéria.

Percebe-se, portanto, que a televisão brasileira obedece a alguns critérios básicos para que haja qualidade da informação que chega ao telespectador. Mas está muito mais flexível à presença da diversidade regional do que há 15 anos. Diante do que foi observado, não seria justo dizer que a televisão é dona de um padrão rígido. Podese afirmar que a TV busca atingir um nível de qualidade e que, para isso, segue alguns critérios. É importante ressaltar que tem havido uma abertura à presença das diferenças étnicas e fonéticas e pode estar havendo também uma mudança na linguagem jornalística, na medida em que permite que um repórter conte uma história de sua região, falando com uma certa entonação regional.

A exigência do não-sotaque modifica-se no tempo, **portanto, dentro do “padrão”, de acordo com exigências e necessidades do processo e dos objetivos da TV.**

4

“Escrever bem é escrever claro, não necessariamente certo. Por exemplo, dizer ‘escrever claro’ não é certo mas é claro, certo? O importante é comunicar”

(Luís Fernando Veríssimo)

COMPREENSIBILIDADE

Em alguns momentos, percebe-se que o nível de exigência que existe no telejornalismo supera o problema da comunicação, em si. O repórter, para ser compreendido, não precisa ter, necessariamente, uma fala que seja própria da TV. Para comunicar, o repórter **tem de ter uma fala “clara”**.

Pergunto a Paulo Henrique Amorim se a diversidade de falares das regiões fosse realmente representada pelos repórteres nos telejornais, isso não representaria uma queda na qualidade do noticiário, por ter ondulações, não ter uma linearidade. Paulo Henrique responde:

A quebra da qualidade, só se ficasse incompreensível. Não vejo por quê. Ao contrário, acho que é enriquecedor.

Na novela, que tem outra linguagem, as falas, mesmo quando regionais, não deixam de ser compreendidas, mesmo que sejam usadas expressões muito peculiares de determinadas regiões. As expressões corporais e o ambiente criado permitem que haja compreensão por parte do telespectador.

Na casa da atriz Aldine Müller, na avenida Paulista, conversamos a respeito da relação fala do repórter / fala do ator / compreensibilidade:

Aldine Müller – o repórter, quando quer passar uma informação, quer que a coisa seja passada de uma forma mais linear, mais fácil de ser compreendida. Não sei.

Ana Lúcia – Mesmo com todo o sotaque, as pessoas compreendem as novelas, não é?

Aldine Müller – Compreendem.

Na TV Cultura, em São Paulo, pergunto a Enio Lucciola se o sotaque pode provocar problema de compreensão no telejornal de rede. A resposta de Enio é bem específica e criteriosa. Ele demonstra cuidado com o uso de termos regionais, mas acha que, seguindo certas regras básicas, é interessante a presença do sotaque:

Eu acho que o problema de compreensão surge na hora em que você vai divulgar um texto regional. Isso é um outro problema. Eu acho que todo repórter que trabalha com jornal local pode até usar termos regionais, mas se ele trabalha com jornalismo nacional, um jornal que vai para todo o país, ele tem que usar termos mais gerais ou explicar o que significa aquilo. Por exemplo, termos científicos ou jargão policial. Se você tem que usar em uma matéria aquele termo, então você tem que explicar. Até porque jornalismo é um veículo de cultura, também. Então, as pessoas vão ficar sabendo que aquela expressão pode ser usada em relação aos termos regionais, científicos, policiais. O repórter tem que ser orientado nesse sentido. Agora, o sotaque prejudicar o entendimento, não. Não existe de forma nenhuma.

A conversa com Boris Casoy mostra que ele não faz restrições ao uso de expressões nem de sotaque regionais:

Boris Casoy – A maioria das entonações que parecem mais graves, as pessoas já conhecem a tradução. Já estão acostumadas.

Ana Lúcia – Não atrapalha, não é?

Boris Casoy – Não, nunca atrapalhou. Eu não conheço nenhum caso prático.

Ana Lúcia – Eu acho que é também porque, na verdade, na própria região, na emissora, existe uma

triagem. Isso de certa forma poupa a rede de certos problemas.

Boris Casoy – Pode ser. Se não existem restrições a termos, palavras, não vai haver a sotaque.

O editor Paulo André Leitão lembra que a mensagem transmitida na TV não tem retorno. Se ela provocar problema de compreensão, não há como voltar atrás. Para Paulo André, as palavras têm de ser muito bem pronunciadas. Nesse caso, é importante que certos hábitos de algumas regiões sejam evitados:

A gente não pode exagerar no sotaque, porque senão vai se tornar ininteligível. Só se vive uma única vez na televisão. Jornal ainda tem como reler, tem como voltar atrás, tem como ir ao dicionário; mas na televisão e no rádio não há essa possibilidade. Então, como eu não costumo agredir os fatos, eu me rendo a essas necessidades. Mas sem nenhum exagero.

Pergunto a Glorinha Beuttenmüller se a marca regional na fala do repórter pode provocar problemas de compreensão. Ela tem uma explicação técnica:

De compreensão, pode ser, também. Porque o cearense, por exemplo, ele acentua a tônica diferente. Ele substitui, por exemplo, o o por u. “**Eu sou de F(u)rtaleza**”. **Mais ou menos assim. E a pessoa tem que dizer: “Eu sou de F(ô)rtaleza”. Onde está a tônica? No E.** Porque a tônica da palavra é que dá a imagem, a essência, a escultura e a forma. E é sempre pelas vogais. Então, quando tem uma dificuldade de pronúncia, de ss e de rr, é a vogal que está comprometida. No caso do paulista, que diz co(u)rta / po(u)rta. Mas é o o que está errado. Se ele melhora a pronúncia do o, o r sai perfeito. Porque a vogal é um som puro sem obstáculo. E o paulista, quando tem um r, ele pronuncia a vogal, o o, principalmente, com a

língua para cima. O r tem que ser dorsovelar. A língua é formada por 17 músculos cheios de sensibilidade. Então, é preciso a pessoa sentir a sensibilidade tátil naquela localização do fonema.

Geraldo Canali tem uma opinião muito clara, no que diz respeito à relação fala local, problemas de compreensão e telejornal em rede:

Geraldo Canali – Se o repórter tem um sotaque muito acentuado, pode provocar um problema de compreensão.

Ana Lúcia – Acho que nem existe, no Brasil, em rede, esse problema. Só se for no telejornal local.

Geraldo Canali – Por isso eu digo: só se for muito carregado.

Canali acredita que o trabalho de neutralização das falas regionais justifica-se, exatamente, para que haja compreensibilidade:

Eu acho que está havendo uma espécie de neutralização dos aspectos mais incidentes, ou mais fortes de cada região, em busca de um processo de compreensão da informação. Ou seja, para tornar a informação cada vez mais compreensível, cada vez mais sem ruídos, cada vez mais sem interferência, justamente para que a informação se sobreponha a todos esses outros aspectos complementares.

Pergunto: E aí, o seu sotaque gaúcho poderia provocar esse ruído? Canali responde:

Acho que sim.

COMENTÁRIO

Para garantir o entendimento por parte do espectador, a programação televisiva privilegia as pronúncias e expressões mais nacionais, mesmo nas telenovelas, tipo de programação que teria espaço para diálogos mais regionais. Na novela, o personagem que fala com um sotaque muito acentuado, e usa termos regionais, tem o apoio da trama. A continuidade dramática (dia após dia) permite uma compreensão maior de expressões e sotaques regionais. E, mesmo em programações mais curtas, como as séries, a seqüência permite ao espectador compreender melhor os termos ditos com sotaque acentuado. Recentemente, a **Rede Globo exibiu a série “Auto da Compadecida”, com alto índice de audiência em todas as regiões do país.** O texto da peça de teatro, adaptada para TV, é do escritor paraibano Ariano Suassuna, que privilegia o uso de termos e pronúncias regionais. **Como todas as idéias foram muito bem “amarradas”, não houve espaço para a incompreensibilidade.** O programa foi considerado, pelos críticos, um dos melhores do gênero dos últimos tempos.

O jornalista pode ser claro sem, necessariamente, eliminar o sotaque regional. No texto, ele tem que privilegiar a clareza e a simplicidade, podendo usufruir de recursos como criatividade, leveza e humor.

ode contar histórias da região que ele tanto conhece, falando com o seu sotaque de origem mas com clareza, privilegiando a comunicação, que é o objetivo principal. Quando o repórter busca falar de uma verdade que ele está habituado a vivenciar, o que ele reporta é transmitido com um conhecimento de tal forma aprofundado que a comunicação flui melhor. O telespectador compreende melhor o que é dito.

Na telenovela, a compreensão da fala (com sotaque) existe, na medida em que o contexto narrativo fornece indicadores para o sentido das falas. No telejornal não existe esse contexto narrativo, mas mantém-se sempre o contexto visual. Assim, a compreensibilidade não tem que ser exclusivamente auditiva.

Um aspecto que não tem uma relação direta com sotaque é o timbre do profissional que pode dificultar ou facilitar a compreensibilidade. Às vezes, uma voz não é muito forte, mas é de fácil compreensão. Outras vezes, o timbre de voz pode dificultar a compreensão do que está sendo dito. Daí a importância do trabalho de voz feito pelas fonoaudiólogas, que deve ser observado em todas as dimensões de compreensibilidade, e não apenas naquelas que dizem respeito ao sotaque.

5

Na época da colonização do Brasil, os negros escravos falavam pouco. Segundo a fonoaudióloga Glorinha Beuttenmüller é dessa parte da história que se justifica o fato de o baiano falar com a boca fechada. “A voz nasalada pode denunciar uma história de repressão”, diz a fonoaudióloga.

A professora de prosódia Iris Gomes da Costa costuma gravar alguns trechos das conversas que tem com pessoas de cada lugar que visita para captar os diversos falares.

Para Íris Gomes, o mineiro fala manso por causa das montanhas de Minas Gerais. Já no caso dos gaúchos, segundo Iris Gomes, a forma de falar teria uma forte relação com a cavalgada.

O Brasil é assim, cheio de falas e histórias diferentes. A origem do indivíduo, a classe social da qual faz parte e o ambiente onde vive tem toda uma relação com a maneira de falar da pessoa.

O TRABALHO SOBRE A VOZ E A PROSÓDIA

Quando eu era criança, ouvia muito da minha mãe: **“uma fala agradável é muito importante. Às vezes até damos mais importância para o que a pessoa fala, quando ela tem uma fala bonita”**. Hoje percebo uma certa relação daquela opinião da minha mãe com o que as fonoaudiólogas que trabalham a fala dos profissionais da televisão pensam quando preparam o repórter, o apresentador e também o ator para enfrentar câmeras e microfones.

O editor e apresentador Geraldo Canali diz que não conhece muitos fonoaudiólogos, mas aprecia o trabalho técnico de fonoaudiologia que conhece:

Eu conheço uma fonoaudióloga, que é a Glorinha Beuttenmüller. Não conheço as outras. Já estive várias vezes com Glorinha, na época da Globo. Eu vejo o trabalho da Glorinha como uma orientação técnica, extremamente válida.

No trabalho de fonoaudiologia desenvolvido nas afiliadas das emissoras são mantidas certas peculiaridades da fala local, conforme relata a fonoaudióloga Fátima Dantas em conversa que tivemos na TV Cabo Branco, em João Pessoa:

Fátima Dantas – O d e o t não devem ser chiados, mas não podem soar bruscos. Têm de ser suaves. É a intensidade como é falado.

A editora Vera Ferraz, do Recife, comenta que o trabalho fonoaudiológico é técnico. Evita que o repórter manifeste muito o sotaque local:

A fonoaudióloga presta uma assistência quase diária aos repórteres. Atende na TV ou no consultório. Ela ensina o repórter a respirar, ensina a não falar com o sotaque cantado. Trabalha para que o repórter não apresente um sotaque muito cantado, muito carregado.

Na opinião da editora Stella Maris, também do Recife, o trabalho de fonoaudiologia acaba suavizando o sotaque:

Quando você trabalha um padrão vocal para ser um profissional que usa a voz, a tendência é o sotaque ir suavizando.

No discurso de Stella, há sempre a preocupação com o fato de o sotaque não se sobressair, seja em relação ao repórter ou ao ator. Daí, destaca a importância de um trabalho de voz profissional:

O sotaque só toma conta da voz de um repórter, quando ele não tem trabalho vocal: não tem a voz trabalhada, a voz disciplinada. Quando o sotaque é excessivo, provoca estranheza. Às vezes, um repórter de televisão com um sotaque exagerado para aquilo que ele está fazendo, dentro do veículo dele que é a televisão, incomoda até às pessoas da região. Acho que a coisa da estranheza do sotaque na televisão está relacionada com o fato de o sotaque ser maior do que a voz.

Pergunto a Enio Lucciola o que ele acha do trabalho das fonoaudiólogas da televisão brasileira. Enio manifesta-se favorável:

Eu acho, em primeiro lugar, que elas não são novas na TV, mas são poucas. Se dependesse de mim, todas as

emissoras, todos os programas teriam um atendimento fonoaudiológico muito maior do que têm hoje; porque, mesmo pessoas que não têm problema hoje, amanhã vão ter. E as pessoas são afetadas por estresse, por problemas emocionais, por problemas físicos. As fonoaudiólogas são muito importantes. É difícil um repórter, que sempre esteve bem, descobrir que tem um problema. Então, a Glorinha Beuttenmüller, a fonoaudióloga mais conhecida, e que foi pioneira, tem um trabalho importantíssimo. Ela era um canal importante para as pessoas novas, porque fazia incursões pelo Brasil. Ela tinha contato com as pessoas. E isso não é nada fonoaudiológico, mas ela **funciona como o “olheiro” do Zagallo, que ia lá nos times do interior e descobria grandes valores.** Nas vezes em que estive com ela, em cerca de quatro consultas, ela nunca foi ostensiva comigo nem com os colegas, para pedir que o **repórter “amansasse” o sotaque, de uma forma assim, tão clara.** Eu vi muita ênfase ao trabalho técnico.

Selma Lins acompanhou de perto o trabalho de Glorinha Beuttenmüller na Rede Globo. Selma acredita que a formação do repórter de televisão tem como base o trabalho de fonoaudiologia desenvolvido por Glória Beuttenmüller:

Primeiro a Glorinha preparou as pessoas para enfrentarem a televisão. Para os repórteres se sentirem seguros. A primeira preocupação dela era as pessoas estarem bem, sentirem-se bem para conseguir se expressar. O segundo momento, é que essa fala seja entendida pelo maior número de telespectadores.

Para Selma, a fala-padrão da TV faz parte de um conjunto de técnicas de telejornalismo desenvolvidas por Glorinha Beuttenmüller:

A partir do momento em que essas pessoas foram preparadas para falar, perder o medo (e com todas as técnicas da Glorinha), aí você chega quase que a uma padronização de fala.

Comento com Selma que essa fala-padrão não é específica da Rede Globo. A fala é extensiva às demais emissoras de TV. Selma assegura, no entanto, que a origem está em Glorinha, na Rede Globo:

Selma – Eu acho que, hoje, você não forma mais, porque a Glorinha formou o repórter da televisão. A pessoa já chega formada. Ela já tem todo esse preparo anterior. Então, alguém que está no colegial e quer ser repórter de vídeo, a mãe já se preocupa com a voz, já manda para o fonoaudiólogo.

Ana Lúcia – E a origem está em Glorinha.

Selma – A origem está aí porque as pessoas precisavam falar. Ninguém sabia falar, a não ser o ator ou o pessoal do rádio. Só que aí você soma fala e dicção. Acho que aí entra a Glorinha que mostra ao repórter como pegar o microfone e olhar para a câmera.

A fonoaudióloga Mara Neubarth acha que a fala tem de caracterizar a região onde o repórter está inserido. O que ela não considera correto é o repórter com marca de uma determinada região, na fala, levar essa forma de falar para uma região de pronúncia distinta:

Quando o repórter está lá no Nordeste e sai em rede, a fala tem que ser nordestina. Ao mudar-se para Brasília, ele deve tirar os excessos com um fonoaudiólogo.

Para Mara Neubarth, o trabalho de fonoaudiologia não é só técnico. Envolve sentimento, emoção...

A fala, para mim, é muito mais do que um fonema, é muito mais do que uma articulação tempro-mandibular. Eu não olho uma boca, só por olhar, nem uma concordância, porque há muitas coisas no âmago de cada indivíduo.

A fonoaudióloga Maria Lúcia Magalhães acredita que o sotaque limita a vida do profissional de TV. Inclusive, para crescer profissionalmente, em rede, o repórter deve eliminar algumas características da fala regional que poderiam ser perfeitamente aceitas já que não comprometem a qualidade do que está sendo transmitido. É o caso de palavras pronunciadas com o som do chio, que é comum em algumas regiões do país:

Lúcia Magalhães – Só de perder esse d e esse t característicos do Nordeste, já é uma neutralização. Porque olhe só as regiões que falam o d e o t sem chio: alguns Estados do Nordeste, basicamente, o paulistano da região italiana (Mooca, Bexiga) e o sulista. Assim como uma parte muito pequena fala o s com som de x. Essa distorção do s tem no Rio de Janeiro, um pouco no Espírito Santo, em Pernambuco e no Pará.

Ana Lúcia – Você acha, então, que o sotaque é um problema para o profissional da Comunicação em televisão.

Lúcia Magalhães – Eu acho. Não é o problema maior. Dilui. Há o problema na articulação das palavras. Eu sempre lembro aos repórteres que eles precisam ter identidade vocal. Não dá para todo o mundo falar como Boris Casoy ou como William Bonner. O repórter não deve imitar ninguém, senão a televisão se tornaria muito chata.

O repórter tem de melhorar o jeito de falar, mas falar como ele mesmo fala. Eu só não vejo a televisão como uma forma de o repórter mostrar a sua origem. O r paulista não pode ser falado na televisão, por exemplo. É preciso ser mais neutro para não distrair o telespectador. Se o repórter fala tia (sem chio), pode acontecer de o telespectador ficar observando mais como se diz do que o que se diz.

COMENTÁRIO

São Paulo, 1937, quando ainda não havia televisão, Mário de Andrade coordena o primeiro Congresso Brasileiro da Língua Nacional Cantada. Os participantes elegem a pronúncia carioca como a mais perfeita do país para ser adotada como língua padrão a ser usada no teatro, na declamação e no canto erudito. O rádio não foi mencionado.

Bahia, 1956, os maiores lingüistas brasileiros se reúnem em um congresso de Língua Falada. A decisão: seguir como norma geral a pronúncia média do brasileiro culto de todas as regiões.

Eixo Rio-São Paulo, décadas de 70 e 80. Profissionais de jornalismo da Rede Globo fazem reuniões e lançam o Manual de Telejornalismo da Central Globo de Jornalismo. Um dos capítulos do manual trata da pronúncia brasileira das palavras. Adota a decisão, tomada no congresso realizado em 1956, como referência para o padrão de pronúncia dos telejornais de rede, para que os repórteres dos Estados não mudem a maneira de falar. O manual distingue a pronúncia do repórter (que eventualmente tem sotaque), da pronúncia do apresentador.

A fonoaudióloga Glorinha Beuttenmüller começa a trabalhar a fala dos repórteres e apresentadores da emissora, cuja sede está no Rio de Janeiro. O trabalho de Glorinha não se limita ao Rio de

Janeiro. É feito em todas as afiliadas da Rede Globo no país e fez escola. Muitas outras emissoras de televisão adotam o trabalho profissional das fonoaudiólogas.

O trabalho de voz desenvolvido nas empresas de TV é dirigido não só aos profissionais de telejornalismo, mas também aos atores de novelas. Entre os objetivos do trabalho, destacam-se alguns pontos:

- Orientar tecnicamente o profissional, ensinando-o a se posicionar diante de uma câmera e de um microfone
- Proporcionar segurança ao repórter
- Fazer a fala ser compreendida nas regiões e nacionalmente
- Tirar o sotaque excessivo das pessoas que mudam de região
- Suavizar os sotaques acentuadamente regionais
- Resolver problemas de rouquidão, voz nasalada, voz infantilizada
- Aperfeiçoar a capacidade do profissional contar uma história.

Existe uma polêmica entre a uniformização da fala e a presença de sotaques regionais nos telejornais de rede. Percebe-se, no entanto, que, mesmo quando os repórteres aparecem com alguma marca regional na fala, ele canta um falar que é próprio da televisão. Há uma musicalidade que, curiosamente, atinge a todas as regiões.

O repórter nordestino tem uma entonação que é facilmente identificável. Isso não significa que o repórter nordestino fale, exatamente, com o sotaque das pessoas do Nordeste. Não. Há uma marca da região na fala, mas a forma de apresentar a matéria tem ritmo e jeito próprios dos repórteres nordestinos.

O trabalho das fonoaudiólogas que preparam os repórteres **nordestinos busca “melhorar” a fala em vários aspectos:**

- Tornar a fala mais clara (compreensível)

- Tornar a fala mais agradável
- **Tornar a fala menos “diferente”,** No sentido de que “a diferença chama atenção”, podendo provocar um ruído na comunicação.

Isso afeta o sotaque em duas perspectivas:

- **Transformação da voz “rude”, popular, em voz “educada”**
- Diluição das diferenças regionais.

É preciso que as diferenças sejam cada vez mais aceitas, **inclusive pelas fonoaudiólogas, que afirmam “educar” a voz do repórter sem matar a autenticidade da fala.**

Nesse aspecto, podemos observar certas características, na maneira de falar de pessoas de determinadas regiões do país, que merecem um trabalho de educação da fala. Vejamos a piada que um professor do Colégio Notre Dame, em Brasília, contou aos alunos:

Na época em que a novela A Indomada era exibida na Globo, um garoto brasileiro foi ao Ceará em um passeio turístico. **Quando voltou da viagem, comentou com a família: “Em Fortaleza, as pessoas misturam o inglês com o português, quando conversam. Igual à novela das oito”.** Os parentes do garoto, que têm origem nordestina, não entenderam por que ele fez aquela associação. O garoto explica que ao chegar a um parque aquático da capital, Fortaleza, um diálogo entre pai e filho cearenses chamou a sua atenção. Na conversa no parque, o filho pede:

– Pai, me dá um sorvete.

O pai responde:

– Eu ralidei. Eu ralidei.

Ao responder, o pai emitiu um som que se assemelhava à pronúncia “é o holiday”, que significaria, na mistura do português com o inglês, “é o feriado”, ou “são as férias”.

Nesse caso, temos uma historinha que satiriza a forma de falar “rude” do nordestino, mesmo aquele que pode freqüentar lugares mais caros, como é o caso do parque aquático. No exemplo citado, o j soa aproximadamente como o h aspirado da língua inglesa e um pouco como o nosso ɾ. “Eu ralidei” na verdade significava “eu já lhe dei”.

O trabalho fonoaudiológico mostra como as pessoas devem pronunciar as palavras. Busca amenizar as diferenças ou adotar no repórter uma fala mais “nacional”, menos regional. No entanto, ao buscar vozes mais “educadas” para a clareza, deve-se considerar até que ponto o trabalho das fonoaudiólogas parece considerar uma só dimensão:

- Presença do sotaque: menor clareza
- Ausência do sotaque: maior clareza.

Mas percebe-se ser possível que o profissional tenha sotaque e seja claro. A voz educada não precisa eliminar o sotaque. O ator José Dumont tem sotaque, que é compreensível; a atriz Vera Holtz tem sotaque e é compreendida; o editor e apresentador Paulo Henrique Amorim chia o s, mas é claro na maneira de falar; o apresentador e repórter paulista Carlos Nascimento e o apresentador gaúcho Geraldo Canali acentuam os rr de São Paulo e do Rio Grande do Sul; o comentarista Carlos Chagas usa expressões com sotaque... São tantos os casos...

6

“Alterar o seu falar de uma forma artificial representa, sem dúvida, um comprometimento à credibilidade da informação”

(Geraldo Canali)

CREDIBILIDADE

Entre os elementos que compõem o padrão televisivo, um deles aparece como o critério mais citado pelos meus entrevistados. Trata-se da credibilidade. Sem esse item, a notícia não **“rende”**, **não** convence. É quase unânime a opinião de que a notícia tem que ser transmitida com credibilidade.

Stella Maris – Há repórter que rende bem, na tela. Independente da roupa que esteja vestindo, é aquele repórter que tem o poder de convencimento. Passa credibilidade. Quando entra em cena, faz uma passagem na matéria, ele convence as pessoas daquilo que está dizendo. Outros repórteres não fazem isso com a mesma eficiência. **Têm a imagem mais tímida, a imagem não “toma” o vídeo.** O que eu acho fundamental no repórter de televisão (além de uma série de outras qualidades como texto, como feeling para a notícia), é ele passar credibilidade. Às vezes, a preferência por um repórter vem um pouco por aí, por um conjunto, porque o repórter é bom, é talentoso, sabe construir a matéria, sabe onde está a notícia e tem poder de convencimento.

Com essa opinião, a editora Stella Maris coloca a credibilidade como um item fundamental entre as qualidades que o repórter tem de ter. Não se refere exatamente a sotaque. Mostra que a credibilidade é um critério que está implícito, mas que o profissional tem que ter conhecimento e fazer uso dele.

A fonoaudióloga Mara Neubarth também coloca a credibilidade como um ponto fundamental. E mostra o que faz o repórter **“passar” credibilidade:**

Mara Neubarth – Tem uma fórmula, que é cara de credibilidade, máscara de credibilidade. O jornalista precisa falar de modo convincente, ter intimidade com a notícia.

Já o editor Geraldo Canali associa a credibilidade ao sotaque regional de forma mais direta. E, junto com isso, a questão da verdade associada à fala do profissional:

Eu acho que o repórter não pode se descaracterizar. Ele não pode ser falso. Não pode mentir. Não pode representar um sotaque que não corresponda à sua verdade. Que daí fatalmente levará a uma rejeição. Por exemplo, se eu quisesse apresentar um jornal no Rio de Janeiro e pretendesse falar como um carioca, eu imagino que seria rejeitado.

O telespectador percebe, claramente, quando você está, de alguma forma, mentindo. E aí vale, inclusive, a sua forma de falar. Isso pode representar, num determinado momento, uma mentira. Quer dizer, não é a sua verdade. E aí é um ponto de rejeição.

COMENTÁRIO

Para proporcionar credibilidade, o repórter precisa preencher alguns requisitos básicos, no momento de levar uma matéria ao telespectador. Esses requisitos não são colocados, exatamente, com muita clareza, mas há uma certa ênfase dos entrevistados quanto à importância de a notícia, ao ser transmitida, estar munida de credibilidade.

Para passar credibilidade, o repórter tem de desenvolver uma forte relação com a notícia, compreendê-la.

No caso do apresentador que não é editor, o que é muito raro, hoje (normalmente os apresentadores são os principais editores dos telejornais), ele deve ler várias vezes as notícias antes de o jornal ir ao ar; deve, inclusive, procurar ter segurança da pronúncia correta das palavras, especialmente as palavras de outros idiomas menos conhecidos. Glorinha Beuttenmüller conta, por exemplo, que Sergio Chapelin costumava chegar à Redação da emissora cinco horas antes de o jornal ir ao ar. Procurava manter-se informado, lendo os jornais do dia.

A fala ser verdadeira é um outro critério. Nesse caso, um repórter não pode querer falar como pessoas de uma região distante da sua. Isso pode soar falso e comprometer a credibilidade. Para alguns entrevistados, o sotaque regional é considerado um elemento verdade e dá credibilidade à informação. Ou seja, se o repórter fala com o seu sotaque de origem, a apresentação da matéria soa de forma tão natural que a informação chega com um crédito a mais junto ao telespectador.

Credibilidade pode ser entendida como coerência, que, por sua vez, substitui a verdade. Nesse sentido, poderia ser considerado coerente:

- **Repórter local / fala regional**

O repórter de uma região deve falar como se fala em sua região

- Repórter de rede / fala nacional

Se o repórter tem uma marca muito acentuada na fala, a comunicação pode estar comprometida: se o sotaque chamar mais a atenção do telespectador do que a informação que está sendo transmitida.

- Na sede das emissoras, que estão no Sudeste, afala seria sudestina.

Para a credibilidade estar associada à coerência, é preciso que o repórter saiba falar a verdade da sua região porque o outro não conhece aquela realidade.

7

“Muitos atores fazem o sotaque de uma cidadezinha chamada Globo, que não tem a ver com nenhuma cidade do país”

(José Wilker)

REPRESENTAÇÃO DE FALAS LOCAIS NA TELENÓVELA

Os personagens das novelas de ambientação regional tentam representar os sotaques locais. Para quem assiste às novelas fora do ambiente onde se passa a trama, a fala representa a realidade. Para quem tem a fala representada, no entanto, nem sempre a representação corresponde à realidade.

O jornalista mineiro Chico Pinheiro reclama: o sotaque de Minas Gerais que ouve representado na TV não corresponde à forma de falar das pessoas de Belo Horizonte. Mas acredita, por outro lado, que a entonação dada pelos atores em novelas ambientadas no Nordeste é coerente com a realidade:

Chico Pinheiro – Na série Hilda Furacão, por exemplo, poucas pessoas conseguem falar como o mineiro. Então, você tem muitos atores mineiros, nascidos em Belo Horizonte, que falam com sotaque carioca.

Ana Lúcia – Mas se você observar uma novela ambientada em Pernambuco, cujos atores fazem sotaque baiano, para você, que é mineiro, a fala de Pernambuco está muito próxima daquela, não é mesmo?

Chico Pinheiro – Sim, está.

Selma Lins, embora paulista, acha que a representação da fala nordestina na telenovela é malfeita:

Tieta é tipicamente uma adaptação da obra de Jorge Amado. Tenta ser regional. Para mim, é uma novela adaptada de uma obra de Jorge Amado, ambientada na

Bahia. Para a comunidade de lá, talvez não seja. Talvez seja uma coisa totalmente diferente.

Carlos Chagas faz uma observação da novela *O Tempo e O Vento*, ambientada no Rio Grande do Sul:

A novela *O Tempo e o Vento*, calcada no Érico Veríssimo, tinha um sotaque gaúcho predominante, embora aparecessem falas do carioca e do paulista.

O gaúcho Geraldo Canali fala com mais ênfase, ainda, a respeito da má representação dos atores tentando imitar a fala do Rio Grande do Sul em *O Tempo e O Vento*:

Eu percebo que na novela, por exemplo, quando o ator não é um nativo, quando ele representa o sotaque, o falar de uma região, e não representa, digamos, muito competentemente, ele tem um nível de rejeição. Por exemplo, na novela *O Tempo e o Vento* atores que se dispuseram a falar como o gaúcho não foram benquistos no Rio Grande do Sul. Não foram personagens muito bem assimilados. Agora isso é uma observação pessoal: tem ali uma relação um pouco dúbia da repercussão do produto no Rio Grande do Sul. E o gaúcho é muito orgulhoso. Então ele se sentiu lisonjeado quando uma grande rede, como a Globo, se dispôs a fazer o que fez. Mas, por outro lado, ele exige. Ele, ao mesmo tempo, ficou satisfeito com a homenagem, e também apresentou algumas restrições. Talvez ele preferisse atores gaúchos fazendo papéis de gaúchos.

O editor e apresentador Boris Casoy acha que o sotaque deve ser reproduzido, mas acredita que a representação das falas regionais não são fiéis aos sotaques das regiões:

Seria muito ruim se a telenovela não tentasse reproduzir. Mas para o pessoal das regiões que está sendo imitado, deve parecer ridículo. Sempre que eu ouço a tentativa de fazer um sotaque nordestino, em novela, imagino que as pessoas dessa região devem achar um horror. Mas quem é do resto do país engole, mesmo, como uma aproximação.

O editor Paulo André Leitão acredita que a representação da fala nordestina na telenovela é satirizada:

O que a gente ouve, geralmente, nas novelas que reproduzem o ambiente aqui do Nordeste, é uma caricatura do nosso sotaque.

A atriz Vera Holtz diz que, na telenovela, um personagem com sotaque não compromete a história. Ela até prefere que o personagem tenha sotaque quando essa marca é própria do ator. No telejornal, ao contrário, Vera Holtz acha que pode haver uniformização:

No jornalismo é natural que tenha que dar uma igualada. No caso da telenovela, a história é contada por vários personagens. Nada impede que determinado personagem mantenha o sotaque. Quando o ator entra com sua espontaneidade, a novela cria leveza.

COMENTÁRIO

Nos anos 60, “Beto Rockfeller” marca o início de uma nova fase da telenovela brasileira. A fala dos atores, trabalhada por Lima Duarte, ganha um tom coloquial. A trama se aproxima de fatos cotidianos. A fala mais coloquial torna a novela ainda mais próxima da realidade dos telespectadores.

Na novela “Por Amor”, da Rede Globo, a atriz Vera Holtz interpretou uma mulher do interior de São Paulo. Sirléia, a

personagem, foi um sucesso. A novela de Manoel Carlos mostrava sempre o cotidiano das pessoas, os dilemas, a rotina diária, os personagens fazendo refeições, os diálogos entre mãe e filho sobre problemas da adolescência. O personagem de Vera Holtz era preso a princípios morais, muito bem colocados quando Sirléia discutia com a filha questões de relacionamento homem e mulher. O sotaque de Sirléia aparecia como mais um componente da história. Mostrava que ela **não havia se desligado de suas origens**. “Fazer Sirléia foi uma experiência muito gratificante, porque a personagem **tinha um pé na raiz, mas estava aberta para o mundo**”, conta a atriz.

A representação da fala local na telenovela é observada sob dois olhares: o olhar “estrangeiro” (de pessoas de regiões distintas daquela em que a novela é ambientada); e o olhar das pessoas que são da região que está sendo representada. Quem observa a representação com olhar estrangeiro aceita a fala como sendo do lugar onde a novela está sendo ambientada. Quem é do lugar que está sendo representado, geralmente sente-se incomodado. Quando a novela é urbana (sempre no Rio de Janeiro ou em São Paulo), no entanto, não há tanto problema. Há uma restrição quanto à fala do carioca da Zona Norte, que em geral é representada com exagero. Já o paulista não faz muitas críticas, não sente tanto o incômodo de uma fala exagerada, ao ser representado.

Quando o ator busca humanizar o personagem, há um envolvimento maior do público com a trama. Se a história é bem contextualizada, os personagens não são heróis, são vistos como pessoas comuns. O sotaque, inclusive, é mais natural, mais parecido com as falas dos lugares representados. Nesse caso, a história ganha uma aproximação forte com o real. Daí a novela **Beto Rockefeller ter sido considerada a primeira “novela-verdade”** da televisão brasileira.

Por outro lado, apesar das eventuais distorções, o fato é que a telenovela, freqüentemente, propõe sotaques regionais e, portanto,

os valoriza. O trabalho de prosódia busca, portanto, aproximar as falas dos personagens dos falares dos lugares onde as novelas são ambientadas.

Trata-se, portanto, entre o telejornal e a telenovela, de duas propostas diferentes quanto ao sotaque. Para além da questão da compreensibilidade, são dois sistemas de valor diferenciados que entram em ação. Na telenovela, a representação do real busca aproximação com a região; no telejornal, a representação da realidade afasta do regional porque o repórter se adequa a um modelo de fala que não é da região.

8

O jornalista Paulo Francis, na última entrevista concedida ao programa Roda Viva, da TV Cultura, foi questionado a respeito de sua fala pelo produtor cultural Roberto Mulyaert. Uma fala própria que superou os padrões da Globo.

Surpreendentemente, Paulo Francis responde na entrevista ao Roda Viva que até gostaria de mudar a fala, mas não para falar como os repórteres da Globo. Ele diz que a entonação dada pelos repórteres “parece torná-los débeis mentais”. E brinca, tentando imitar a musicalidade da fala dos repórteres. Paulo Francis sempre foi considerado polêmico, não só na sua postura crítica em relação aos fatos e às pessoas, mas também devido a uma de suas características mais marcantes: a fala. E conquistou, com sua maneira de falar, e com suas opiniões polêmicas, os mais cobiçados cargos nas maiores empresas de comunicação brasileiras, como Rede Globo e Folha de São Paulo.

DIVERSIDADE NA PADRONIZAÇÃO

Uma das tendências da tevê, na contemporaneidade, segundo os entrevistados que fazem parte dessa nova geração de profissionais, é a busca por uma maior participação de culturas diversas nos telejornais e nas telenovelas. Com isso, as falas de pessoas das regiões passam a aparecer com maior frequência nas entrevistas.

Há um consenso, também, quanto ao que os **“produtores” não querem ver nos telejornais. O uso de termos regionais, sem uma explicação posterior, por exemplo, faz parte do grupo de itens que eles desaprovam.**

É preciso entender, no entanto, que o desejo de ver as diferenças está associado a uma série de critérios que, sutilmente, fazem parte de um padrão que se quer ter e ver na TV.

O chefe de Redação da TV Cultura Enio Lucciola revela que gosta da presença de sotaques regionais nos telejornais de rede. Compara a fala, inclusive, a características étnicas e regionais outras. Para Lucciola, sotaque não é problema.

Eu acredito que a coisa que pode dar mais força no jornal é se a gente tiver mais nitidez do sotaque, da aparência do negro, do índio, do branco que vem do italiano, do branco que vem do português, do branco que vem do holandês. Televisão é imagem. Se a gente conseguir mostrar tudo isso no jornal, a coisa é muito mais rica.

Por outro lado, diz:

Eu conheço pessoas de outras regiões que se impuseram fazendo trabalhos inteligentes, originais. Eu acho que essa é a matéria-prima mais escassa. E hoje em dia as televisões acabam valorizando mais essa originalidade, essa inteligência, do que a região de onde o sujeito provém.

Assim, revela que, embora tenha uma visão mais “aberta”, no que diz respeito à presença de sotaque regional no telejornal de rede, tem bem nítidos os critérios que um repórter deve possuir na hora de fazer um matéria: ele tem de ser original, inteligente, independente da região de origem.

Paulo André Leitão mostra-se bastante otimista em relação ao espaço que a televisão das regiões vem conquistando nos últimos tempos. Ele conta que, hoje, as sedes das emissoras propõem nacionalizar mais a cobertura jornalística, mostrar a realidade de forma mais pura, mais verdadeira.

Na conversa com Carlos Chagas, teço um comentário a respeito da peculiaridade da fala de Paulo Francis. Chagas responde:

Aí é diferente. Aí já é um estilo do cara, mesmo (coitado, já morreu, deixa pra lá). É um estilo meio exibicionista. Ele queria criar uma figura que não era ele. Ele não era aquilo que deixava transparecer: um sujeito paranóico com opiniões completamente estapafúrdias. Às vezes, preconceituoso. O preconceito dele estava também na forma de falar. E ele criou o seu estilo, o seu personagem. Fora da TV ele não era assim. Ele era prolixo, sempre foi. Mas não era preconceituoso.

A fonoaudióloga Mara Neubarth diz que, hoje, nada é fechado, ninguém tem de falar de uma determinada forma. As pessoas podem ter o seu estilo próprio. E, como Carlos Chagas, Mara

afirma que há jornalistas que criam personagens. Cita também o exemplo de Paulo Francis, mas prefere não julgar se ele estava certo ou errado no que fazia.

Podemos observar que o profissional só pode criar um personagem se ele já tem um certo tempo na TV. Na realidade, quando o profissional está começando, percebe-se que ele tem de fazer um trabalho mais simples, sem inovações. É aí que o profissional, seja ator ou repórter, precisa ter um domínio técnico de um conjunto de critérios que são exigidos para que ele consiga, ao menos, começar.

O repórter também tem de obedecer a certas normas (implícitas) que lhe são colocadas. Podemos entender os critérios que têm que ser seguidos, com relação à fala, ao observarmos a opinião da editora Stella Maris:

Os profissionais de televisão precisam ter voz trabalhada. Quando José Raimundo aparece em uma matéria, você identifica que ele tem um sotaque baiano, mas é um desses repórteres que, embora o sotaque seja identificável, não é maior do que a matéria. José Raimundo é um desses repórteres que se enquadram no padrão. Uma pessoa que mora no Rio Grande do Sul assiste, tranqüilamente, sem achar que é do outro mundo uma matéria com José Raimundo, embora identifique que ele tem sotaque baiano. Mas é um repórter que, entre outras coisas, sabe trabalhar com a voz. E le sabe fazer televisão.

O que se pode observar, na opinião de Stella Maris, com relação à presença do que pode ser diferente na TV, é que o profissional pode até ter alguma marca regional na fala, mas ele precisa estar dentro do que poderíamos chamar de um padrão de qualidade técnica.

COMENTÁRIO

Mesmo nessa nova geração de profissionais mais “abertos” a uma maior participação de sotaques regionais nos telejornais, há quem considere o sotaque um elemento “prejudicial ao trabalho jornalístico”.

Com a divergência de opiniões entre profissionais de TV, a tendência é que a TV vá adotando, aos poucos, e cada vez com maior frequência, a presença da diversidade em sua programação jornalística e também novelística.

9

DE QUEM SÃO AS PISTAS PARA PENSAR O PROBLEMA

Para pensar a relação entre a fala da TV e a diversidade de falares do país, fui buscar contribuições de autores nas mais diversas áreas. Alguns autores dão pistas sobre o método; outros sobre as relações entre as falas e os meios de comunicação. Também encontro referências que relacionam fala e cultura local. Finalmente, pistas sobre teorias das diferenças.

1. PISTAS SOBRE O MÉTODO

Ao fazer referência ao trabalho etnometodológico de Harold Garfinkel, Armand Mattelart aponta caminhos para a minha observação. Garfinkel parte de temas do cotidiano para examiná-los cientificamente. Quanto à forma de abordagem, o etnometodólogo utiliza entrevistas para estudar cientificamente um assunto. Procedimento que adoto.

“A etnometodologia tem por objetivo o estudo do raciocínio prático do senso comum em situações comuns de ação. Para Garfinkel, considerar os acontecimentos do mundo social de uma perspectiva cientificamente adequada, externa ao objeto, está longe de representar uma estratégia ideal para abordar o fluxo dos acontecimentos correntes. Isso seria ao mesmo tempo inútil e paralisante na análise das características da ação prática”. (MATTELART: 1999: 133).

Em Pós-escrito a O Nome da Rosa Umberto Eco diz que, ao escrever, nos distanciamos um pouco da obra para ver o que percebemos (como fazem os pintores). Fala do processo de construção de uma obra como um assunto a ser tratado com o leitor. O crítico italiano mostra que o processo de construção para buscar respostas ao problema da pesquisa é também parte importante do processo de elaboração de um trabalho acadêmico.

Assim, me distanciei das entrevistas para ter uma maior compreensão do que estava sendo dito

e poder fazer as análises.

Com apenas oito pessoas entrevistadas, Ecléa Bosi conta a história social de São Paulo, ouvindo histórias de velhos. A

abordagem sobre a questão da memória (e como é percebida pelos idosos) me ajuda a modelar a aproximação com um problema diferenciado para o qual adotei uma postura de escuta como a que a autora evidencia.

“O narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principiados pela sua voz. Tira segredos e lições que estavam dentro das coisas, faz uma sopa deliciosa das pedras do chão, como no conto da Carochinha. A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana”. (BOSI: 1987: 49).

2. Pistas sobre Fala e Meios de Comunicação

“Ao falar, tendemos a reagir a cada situação, seguindo o tom e o gesto até de nosso próprio ato de falar”. (MCLUHAN: 1964: 97). O autor nos leva a reflexões sobre certas circunstâncias em que a fala-padrão da televisão pode ser substituída pelo modo de falar regional dos profissionais de TV. Em determinadas situações de emoção, o sotaque pode vir à tona na rotina de trabalho televisivo.

McLuhan também mostra que há uma diferença entre o falar a partir de um texto escrito e o falar espontâneo. Pode ser relacionado à forma de falar do repórter quando entra ao vivo, no ar, ou o repórter no seu falar cotidiano:

“A palavra falada envolve todos os sentidos. A palavra letrada tende a falar de forma tão concatenada e natural quanto lhes é possível”. (MCLUHAN: 1964: 95).

Ao falar da língua, Marshall McLuhan (1964: 98) diz que a língua materna ensina aos seus usuários um certo modo de ver e sentir o mundo, um certo modo de agir no mundo – e que é único.

A reflexão de McLuhan permite uma relação com o que diz Saussure, e o que dizem as fonoaudiólogas que entrevistei: “a fala é individual”. Posso aqui relacionar a fala com a questão da espontaneidade do profissional, no momento de narrar o texto, da forma como ele pode tratar um assunto de sua região, os bloqueios que tanto o ator quanto o profissional de telejornalismo podem enfrentar no momento de representar uma fala que é diferente da sua e até mesmo de interpretar um sotaque que é, realmente, o seu sotaque original, em um veículo que trabalha com uma fala estandardizada.

Armand Mattelart, no livro *O Carnaval das Imagens*, mostra em que momento a telenovela brasileira ganha um tom mais coloquial:

“Na novela *Beto Rockfeller*, em 1968, as frases feitas e grandiloqüentes foram substituídas por formas de expressões mais coloquiais, um reflexo fiel do nosso modo de falar”. (MATTELART: 1989:30).

O trecho a seguir faz referência a um momento em que um padrão formal autoritário é substituído por outro, justamente relacionado com a fala, a ambientação e a humanização da trama. Um “padrão televisual” não é, portanto, uma determinação tecnológica do veículo – mas é suscetível de apropriações culturais, que podem ser examinadas, criticadas – e reformuladas.

“Com a câmera quase que centrada só no rosto, foi preciso definir a fala. Ela deixa de ser literária, passa a ser mais solta, descontraída, no tom coloquial”. (MATTELART: 1989: 31).

Com a observação a seguir, Cremilda Medina aponta caminhos para uma reflexão sobre a relação do escritor regionalista com o

repórter das regiões, no que diz respeito ao tratamento dado aos assuntos regionais a serem divulgados nacionalmente. Elucida, portanto, valores regionais e o distanciamento (e perda) que pode ser consequência de padrões televisivos diluidores da vivência local:]

“Nos seus romances, o escritor goiano Bernardo Élis sempre procurou captar a riqueza da ‘língua afetiva’ dos fenômenos fonéticos da realidade”. (MEDINA: 1985:103).

No trecho abaixo, Cremilda Medina relaciona o trabalho do jornalista com a literatura e dá pistas para reflexões a respeito de como a linha de trabalho do jornalista de TV pode ser associada à atividade dos romancistas regionalistas, que tão bem falam das regiões, e são compreendidos nacionalmente, sem necessariamente modificar a linguagem falada regionalmente. Também aponta caminhos para observações a respeito dos critérios exigidos para a elaboração da notícia, que podem ser aspectos relevantes nas análises dos posicionamentos dos entrevistados de telejornais:

“A clareza e a simplicidade (legibilidade) são ditames imperiosos na comunicação social; a arte vale-se da ambigüidade e de uma expressão complexa, podendo se permitir o ilegível para o leitor não iniciado. Um jornalista tem sempre presente uma preocupação – ser preciso. Disso decorre, em grande parte, a credibilidade da notícia. A indefinição poderá ser a grande virtude de um texto literário”. (MEDINA, 1996: 213).

Celso Pedro Luft dá pistas para reflexões a respeito da situação dos profissionais de TV que atuam em regiões distantes do eixo Rio-São Paulo, na relação da forma espontânea de falar com uma adequação à fala-padrão da televisão:

“Por conta de teorias gramaticais puristas, reacionárias, quantas pessoas arrastam pela vida preconceitos que lhes bloqueiam a livre expressão. Nunca se sentem à vontade no terreno que mais lhes pertence: a sua língua de berço, com a qual pensam, se comunicam e **expressam os mais íntimos pensamentos e emoções**”. (LUFT:1995: 92).

Luft resgata o papel da escola no processo de recusa do uso individual e regional da fala, que pode estar sendo desprestigiada nos telejornais:

“**Mantida pela classe social dominante, a escola impõe no ensino** obviamente a variedade idiomática culta relegando e desprestigiando as outras variedades, numa natural discriminação sociolingüística. Em linguagem, a sociedade se policia e se autopune com aberturas **mínimas para a criatividade lingüística individual**”. (LUFT: 1995: 81).

Ao tratar da língua, sua oralidade, a relação com o cotidiano e com a mídia, Dino Preti sugere uma reflexão a respeito de como a televisão se porta diante do falar cotidiano das diversas regiões do país:

“**Sons, gestos e imagens cercam a vida do homem moderno,** compondo mensagens de toda ordem, transmitidas pelos mais diferentes canais, como a televisão, o cinema, a imprensa, o rádio, o telefone, o telégrafo, os cartazes de propaganda, os desenhos, a música e tantos outros. Em todos, a língua desempenha um papel preponderante, seja em sua forma oral, seja através de seu código substitutivo escrito. E, através dela, o contato com o mundo que nos **cerca é permanentemente atualizado**”. (1982:52)

3. Pistas sobre fala e cultura local

Ferdinand de Saussure diz que ao ouvirmos uma língua desconhecida percebemos os sons, mas ficamos alheios ao fato

social, em função da incompreensão. Ao tratar da questão da compreensão dos sons, Saussure (1972:21) dá pistas para reflexões a respeito da compreensibilidade de sotaques distintos na TV em rede.

Para Saussure “a língua é social, tem tradição oral, independente da escrita. Aprendemos a falar, antes de aprender a escrever. Já a fala é individual. Nada existe de coletivo na fala. Suas **manifestações são individuais e momentâneas**”. Ao fazer o estudo da língua como sendo social e a fala como um ato individual, Saussure (1972:27) permite reflexões sobre aspectos diversos que envolvem voz e fala, o que nos permite relacionar com o que dizem as fonoaudiólogas, para quem voz é o som natural, enquanto a fala é o conjunto de sons articulados.

No trecho abaixo selecionado, o filósofo alemão Jürgen Habermas trata de duas questões que nos interessam sobre os aspectos fala e cultura local. Mais diretamente, verdade e entendimento na comunicação. A verdade e o entendimento são aspectos que podem ser relacionados à questão de sotaque. Se de um lado a fala dita com sotaque representa uma verdade (a “**verdade local**”) ela pode, por outro lado, provocar problema de compreensão.

“Os indivíduos socializados, quando no seu dia-a-dia se comunicam entre si através da linguagem comum, não têm como evitar que se empregue essa linguagem também num sentido voltado ao entendimento. E ao fazerem isso, eles precisam tomar como ponto de partida determinadas pressuposições pragmáticas, nas quais se faz valer algo parecido com uma razão comunicativa. É tudo muito simples: sempre que nós pensamos no que estamos dizendo, levantamos com relação ao que é dito a pretensão de que é verdadeiro, correto e sincero... (HABERMAS: 1993: 98).

Ao estudar as regiões na França, Pierre Bourdieu (1989:112) observa a questão do sotaque, o que ele chama de “objeto de representações mentais” (os atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento, em que os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos). Nesse caso, o sotaque estaria ao lado da língua e dos dialetos. Ao estudar as regiões, Bourdieu faz uma relação com o poder. Os estudos de Bourdieu apontam para reflexões sobre a questão do poder da mídia, um aspecto que, inevitavelmente, está relacionado com a produção cultural. Dialogando com Bourdieu, é possível compreender o papel do “produtor” no domínio do espaço mediático para desenvolver uma idéia, e transmiti-la dentro de um formato que julga ideal. Hoje, mais do que há duas décadas, por exemplo, o “produtor cultural” está mais voltado para atender às expectativas do público receptor, mas a programação, voltada para muitos, é produzida por um grupo reduzido de pessoas. Nesse sentido, é um grupo detentor de poder.

Claude Duneton nos permite compreender melhor a idéia de região. Não exatamente com uma visão da divisão territorial, mas na relação com a língua. Ao relacionar língua escrita e língua falada na França e na Inglaterra, Claude Duneton nos dá pistas de como contrapor a fala de uma pessoa “rude” à fala de quem é intelectualmente educado.

Para Nilce Sant’Anna Martins, “a linguagem regional aparece como um traço importante de certas obras que procuravam dar uma visão da vida brasileira em diferentes partes do país”. (MARTINS: 1988:23). A autora mostra que é possível relacionar a representação das culturas regionais na escrita, o que nos permite associar à representação na fala.

Na literatura, é comum encontrarmos autores que trabalham com a linguagem regional (Monteiro Lobato, Mário de Andrade, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Bernardo Élis, José de Alencar), embora os escritores trabalhem basicamente com palavras e expressões. No meu trabalho, não faço referência a palavras e expressões, mas a sotaque como uma marca regional. Entretanto, apesar de conceitualmente separáveis, é no seu conjunto que estes elementos caracterizam a diversidade regional no país.

Ao relacionar verdade e coerência, Albert Jaquard suscita reflexões a respeito do sotaque falado na região e fora da região na TV. Ajuda a fundamentar a questão do que é uma fala dita verdadeira. Albert Jaquard diz que não é verdade o que não é coerente. Isso nos permite relacionar a verdade e a coerência com a representação de uma fala na telenovela e no telejornal. Trata-se da coerência que pode haver entre o lugar e a forma de falar do repórter. Por exemplo, há uma coerência entre a forma de falar nordestina com um jornal local cujo repórter fala com sotaque nordestino. Por outro lado, não há coerência se um repórter nordestino tenta falar com sotaque brasiliense em Brasília. Então, **coloquei “coerência” (entre aspas) porque não se trata, aqui, da coerência estrutural, sem contradições. Da mesma forma “verdade” está entre aspas porque não faz referência aos estudos de Gadamer ou de Michel Foucault, tampouco de Habermas, mas a uma verdade de fala local, uma verdade que fala de uma cultura regional, do modo de ser e de viver das pessoas, que pode estar relacionado com o sotaque.**

Jesús Martín-Barbero aponta caminhos para a relação das telenovelas com as culturas locais, e sua representação no

cotidiano, o que nos permite associar à forma como as pessoas se vêem representadas na programação televisiva:

“Começamos a suspeitar de que o que faz a força da indústria cultural e o que dá sentido a essas narrativas não se encontra apenas na ideologia, mas na cultura, na dinâmica profunda da memória e do imaginário”. (MARTÍN-BARBERO:1997:307).

Por acreditar na relação da narrativa com as manifestações de culturas locais, Martín-Barbero torna possível a observação de como essas culturas regionais podem ser representadas nas tramas em telenovelas e nas reportagens dos telejornais:

“Da narração, o melodrama da televisão conserva uma forte ligação com a cultura dos contos e das lendas, a literatura de cordel brasileira, as crônicas cantadas nas baladas. Conserva o predomínio da narrativa, do contar a, com o que isso implica a presença constante do narrador, estabelecendo dia após dia, a continuidade dramática; e conserva também a abertura indefinida da narrativa, sua abertura no tempo – sabe-se quando começa mas não quando acabará – e sua permeabilidade à atualidade do que se passa, enquanto a narrativa se mantém, e as condições mesmas de sua efetivação”. (MARTÍN-BARBERO: 1997:307).

Para Marshall McLuhan, a televisão proporcionou o resgate de sotaques regionais na Inglaterra:

“Uma das mais extraordinárias conseqüências da TV na Inglaterra foi o ressurgimento dos dialetos regionais. Um sotaque regional ou um ‘r’ gutural constituem equivalentes vocais da antiga botina de abotoar. Esses sotaques sofrem uma contínua erosão por parte da cultura letrada. Seu súbito ressurgimento na Inglaterra, em regiões onde antes apenas se ouvia o inglês-padrão, é um dos acontecimentos culturais mais significantes do nosso tempo. Até nas salas de aula de Oxford e Cambridge se ouvem de novo os dialetos”. (MCLUHAN:1964:348).

A opinião de McLuhan refere-se a uma época em que, na Inglaterra, a cultura letrada exercia forte influência sobre o comportamento lingüístico da população, mas é uma referência considerável para a questão da construção de uma fala-padrão pela TV brasileira.

Richard Dimbleby (1990), **em um comentário sobre os “filtros”**, diz que o povo ao interagir com a TV vê o sotaque regional como coisa ruim. Cita pesquisa sobre a BBC de Londres, cuja credibilidade proporcionada foi considerada fraca entre os ouvintes que relutavam em acreditar no que estavam dizendo os locutores, apresentadores e correspondentes falando com sotaque.

A pesquisa citada por Dimbleby, realizada na Inglaterra, aqui nos interessa por fazer referência à questão da credibilidade, tão explorada pelos meus entrevistados. A pesquisa sobre a BBC de Londres revela que o problema do sotaque na mídia é mundial.

4. Pistas sobre as diversidades de falares e as diferenças de **“produtos culturais”**

Maiakovski, já em 1926 (citado por Luiz Costa Lima:1969:57), diz que, para escrever versos de amor, o melhor modo é tomar uma condução e andar por uma estrada esburacada onde as pessoas manifestem incômodos contrários a uma experiência amorosa. Trata-se aí da distância que o criador deve buscar, com relação a seu tema, a fim de, pela diferença, melhor ser ele percebido.

Essa perspectiva sobre a diferença como explicitadora de sentidos interessa para as observações sobre as relações entre sotaque e padrão. Além disso, analiso as diferenças entre um tipo de programação que elimina o sotaque e outro que, ao contrário, reconstrói os sotaques regionais. A diversidade de sotaques é

também, do ponto de vista regional, um conjunto de diferenças que gera sentidos (referentes à identidade). Essa idéia de buscar contrastes foi uma referência importante para minhas reflexões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEUTTENMÜLLER, Maria da Glória. Locução e TV. Rio de Janeiro, Gráfica do Santa Úrsula, 1980.
- BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembrança de velhos. – 2 ed. - São Paulo, Editora. da Universidade de São Paulo, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989.
- BRAGA, José Luiz. “Regionalização” in A Regionalização da Produção Cultural. Brasília, Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal, Decanato de Extensão da Universidade de Brasília, 1991.
- BRAGA, José Luiz. “Sobre a Conversação” in Antônio Fausto Neto, José Luiz Braga e Sergio Dayrell Porto (orgs.) Brasil – comunicação, Cultura e Política. Ed. Diadorim, Rio de Janeiro, 1994.
- CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas híbridas. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
- COUTO, Hildo Honório do. Fonologia e fonologia do português. Brasília, Thesaurus, 1997.
- DIMBLEBY, Richard. Mais do que palavras. Uma introdução à Teoria da Comunicação. São Paulo, Summus Editorial, 1990.
- DUBY, Georges. A história continua. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora/Editora UFRJ, 1993.
- DUNETON, Claude. Parler Croquant. Paris, Stock, 1982.
- ECO, Umberto. Pós- escrito a O Nome da Rosa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- ELIOT, T. S. Eliot. Notas para uma definição de cultura. São Paulo, Perspectiva, 1988.
- FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo, Edições Loyola, 1996.

- GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- HABERMAS, Jürgen. Passado como Futuro [tradutor, Flávio Beno Siebeneichler; entrevistador, Michael Haller]. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1993.
- JACQUARD, Albert. Filosofia para não filósofos. Ed. Campus, Rio de Janeiro, 1998
- LIMA, Luiz Costa (org). Teoria da Cultura de Massa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969.
- LUFT, Celso Pedro. Língua e liberdade. 4 ed. São Paulo, Ática, 1995.
- MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensão do homem. São Paulo, Cultrix, 1964.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia [tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides]. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.
- Manual de Telejornalismo. Rio de Janeiro, Central Globo de Jornalismo. s/d.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. História da língua portuguesa. São Paulo, Ática. 1988.
- MATTELART, Armand. O Carnaval das imagens. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- _____. História das Teorias da Comunicação. São Paulo, edições Loyola, 1999.
- MEDEIROS, Ana Lúcia. “Planalto das Falas” in MEDINA, Cremilda (org.). Narrativas a céu aberto. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- MEDINA, Cremilda. A posse da terra – escritor brasileiro hoje. São Paulo, Imprensa Nacional, Casa da Moeda – Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, 1985.
- _____. Povo e personagem. Canoas, Ulbra, 1996.

PATERNOSTRO, Vera Iris. O texto na TV: manual de telejornalismo. São Paulo, Brasiliense, 1987.

PIGNATARI, Décio. Informação, linguagem, comunicação. São Paulo, Cultrix, s/d.

PRETI, Dino. Sociolinguística - os níveis de fala. 4. ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1982.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Linguística Geral. São Paulo, Cultrix, 1972.

Em jornais e revistas

FRANÇA, Carla. “Minha vida é querer ser eterno”(entrevistando José Wilker) São Paulo, O Estado de São Paulo, Caderno Telejornal, 11 de abril de 1999, 8-9.

MESQUITA, Walter. Sotaques brasileiros: As cores da voz (entrevistando Glorinha Beuttenmüller e Antônio Houaiss). São Paulo, Revista Diálogo Médico. (2) Mar-Abr/1997, 54-57.

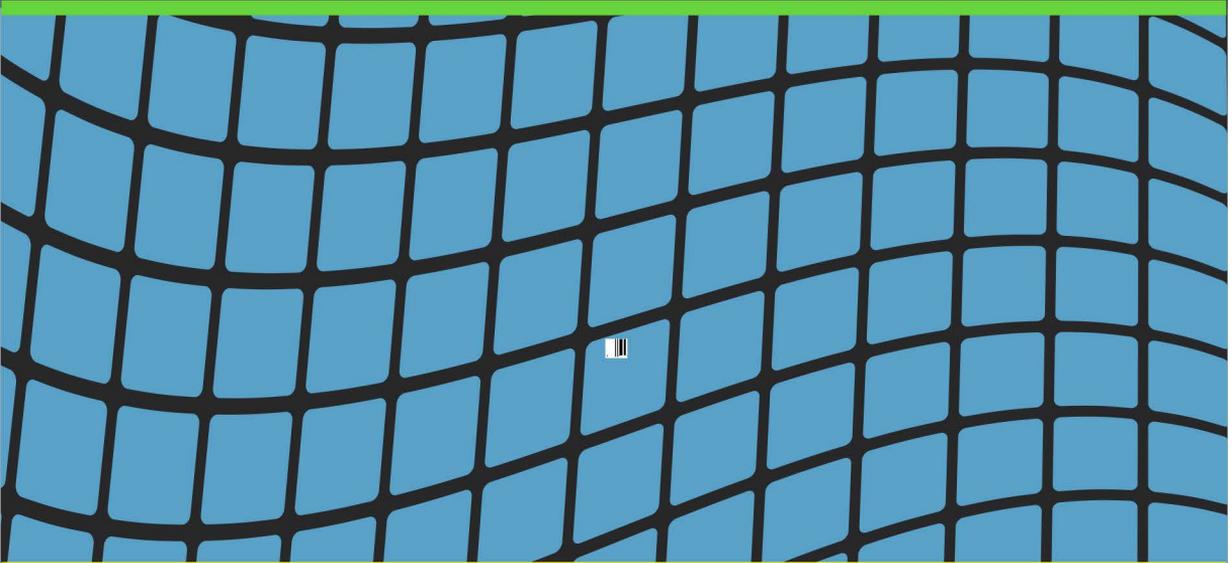
PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Em busca de outra história: imaginando o Imaginário” in Representações – Revista Brasileira de História. São Paulo, ANPUH/Contexto, vol.15, n. 29, 1995.

PRIOLI, Gabriel. Flertes internacionais in Sinal Aberto, São Paulo Gazeta Mercantil, 16,17, 18 de outubro de 1998, 12.

VALADARES, Ricardo. Jerimum tresandado (entrevistando Iris Gomes da Costa, artistas e escritores sobre a interpretação de personagens nordestinos nas telenovelas). São Paulo, Revista Veja, 11 de novembro de 1998, 198.



ANA LÚCIA MEDEIROS é jornalista formada pela Universidade Federal da Paraíba, onde é pesquisadora de Desenvolvimento Científico Regional (Fapesq-PB/CNPq). Doutora e mestre em Comunicação pela UnB, com estágio doutoral na Université de Rennes-1 – França. Fez Estudos pós-doutorais na Universidade Federal da Bahia. É autora do livro “Noticiador-Noticiado: perfis de jornalistas numa sociedade em midiatização” (Insular, 2015).



ISBN 978-85-9559-168-4



9 788595 591684